



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE BIOLOGIA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA VEGETAL

**MELASTOMATACEAE JUSS. DO COMPLEXO DE SERRAS DA BOCAINA E
DE CARRANCAS, MINAS GERAIS, BRASIL**

MATEUS HENRIQUE LAURIANO

ORIENTADORA: DRA. ROSANA ROMERO

UBERLÂNDIA

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE BIOLOGIA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA VEGETAL

**MELASTOMATACEAE JUSS. DO COMPLEXO DE SERRAS DA BOCAINA E
DE CARRANCAS, MINAS GERAIS, BRASIL**

Dissertação a ser apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Biologia Vegetal, Universidade Federal
de Uberlândia – UFU como parte dos
requisitos para obtenção de título de
Mestre em Biologia Vegetal

UBERLÂNDIA

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da
UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L384 2020	<p>Lauriano, Mateus Henrique, 1992- Melastomataceae Juss. do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais, Brasil [recurso eletrônico] / Mateus Henrique Lauriano. - 2020.</p> <p>Orientadora: Rosana Romero. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Biologia Vegetal. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.227 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Botânica. I. Romero, Rosana, 1964-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Biologia Vegetal. III. Título.</p> <p>CDU: 581</p>
--------------	--

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE BIOLOGIA

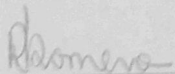
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA VEGETAL

Melastomataceae Juss. do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas
Gerais, Brasil

Mateus Henrique Lauriano

Comissão examinadora

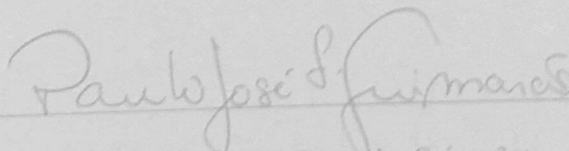
Presidente:



Profª. Dra. Rosana Romero

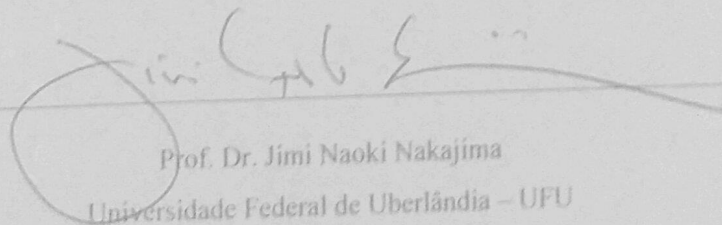
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Examinadores:



Prof. Dr. Paulo José Fernandes Guimarães

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJ



Prof. Dr. Jimi Naoki Nakajima

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Dissertação aprovada em: 27/02/2020.

UBERLÂNDIA

2020

Agradecimentos

À minha família, pelo apoio em todos esses anos, e por sempre acreditar nos meus sonhos, principalmente minha mãe que é o maior exemplo da minha vida. E por fim, minha irmã, que é um exemplo de força e dedicação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À Universidade Federal de Uberlândia em especial ao Instituto de Biologia e ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, pela oportunidade e apoio em minha formação acadêmica.

Aos professores do Colegiado do Programa, foi um enorme aprendizado à cada reunião. Aos professores, que durante o mestrado me ensinaram e me motivaram a amar ainda mais a biologia vegetal.

À minha orientadora Dra. Rosana Romero, por todo aprendizado durante meu mestrado e por me incentivar a amar cada vez mais esse grupo tão maravilhoso que é Melastomataceae, mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas.

Especialmente à primeira pessoa que me incentivou a trabalhar com Melastomataceae, Antônio Massensini Jr., obrigado pela sua amizade e apoio durante minha graduação e no desenvolvimento inicial da ideia deste projeto e pelas viagens de campo que jamais esquecerei.

Aos meus amigos da Universidade Federal de Lavras, Iago Augusto de Castro Arruda e Daniel Domingos Quedes, pela oportunidade de desvendar as serras do Complexo de Serras da Bocaina e Carrancas com as melhores viagens de campo.

Aos curadores dos herbários ESAL e UEC, por me receberem e pelos empréstimos, em especial ao curador do herbário ESAL, pela doação de diversas exsicatas ao *Herbarium Uberlandense*, as quais foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

Aos meus amigos e colegas de profissão, Dra. Ana Flávia Alves Versiane, Dra. Ana Carolina Devides Castello e Dr. Lucas de Freitas Bacci, pela ajuda e apoio durante minha estadia na UNICAMP.

Ao Professor Dr. Jamir Afonso do Prado Júnior, pela ajuda com os testes estatísticos, assim como aos especialistas de Melastomataceae Dr. Renato Goldenberg e

Dr. Paulo José Fernandes Guimarães, pelo auxílio para a identificação de espécimes de *Miconia* e *Pleroma*, respectivamente.

Aos membros da banca, Dr. Paulo José Fernandes Guimarães, Dr. Jimi Naoki Nakajima e Dr. Cassiano Aimberê Dorneles Welker, por aceitarem participar e pelas contribuições de conhecimento e experiência profissional para enriquecer o trabalho e minha formação profissional.

À equipe do *Herbarium Uberlandense*, Dona Bia e Dona Cida, pela ajuda, suporte e atenção durante meu mestrado. À minha amiga, a técnica do herbário, Lilian, obrigado por todas as risadas e pela ajuda através de seus conselhos durante os momentos difíceis que enfrentei durante esses anos. À minha parceira e amiga de herbário Hellen Pelegrini, por todo seu carinho e pelos momentos incríveis que passamos juntos, todas as risadas, todos os conselhos e aprendizado em origami, nunca esquecerei de nossa amizade. A meu amigo e colega de Melastomataceae, Jean pela ajuda, conselhos e risadas, e por me fazer amar mais *Microlicia*.

Ao meu amigo do mestrado, Mitchel, por ser o melhor amigo durante todo esse processo, agradeço o suporte, atenção durante as dificuldades, obrigado por sempre estar presente e por todas risadas e conversas. Às minhas amigas, Aldnéia e Letícia, por serem um exemplo de dedicação e superação, obrigado por todos os momentos incríveis que pudemos compartilhar juntos.

Ao meu melhor amigo Johnny, por sempre estar comigo durante todos os momentos difíceis e por todo o incentivo durante esses anos, você é um dos maiores exemplos que tenho e sigo obrigado por ser minha pessoa.

Às minhas amigas Aline Leite, por ser um exemplo de superação e bondade, seus conselhos e conversas me ajudaram a chegar onde estou. À Mayra por ser minha amiga, parceira e irmã de coração desde muitos anos seu sorriso cativante e sua força me inspiram a ser uma pessoa melhor todos os dias.

Com a contribuição de todos, a cada dia chego mais perto de realizar meu sonho, agradeço a todos os envolvidos neste processo.

ÍNDICE

RESUMO	1
ABSTRACT	2
INTRODUÇÃO.....	3
MATERIAIS E MÉTODOS	5
<i>Área de estudo</i>	<i>5</i>
<i>Inventário das espécies</i>	<i>6</i>
<i>Análise de similaridade florística</i>	<i>7</i>
RESULTADOS	10
<i>Diversidade de espécies no CSBC</i>	<i>10</i>
<i>Comparação florística.....</i>	<i>15</i>
DISCUSSÃO	20
<i>Diversidade florística.....</i>	<i>20</i>
<i>Similaridade Florística</i>	<i>23</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBILOGRÁFICAS	30
ANEXOS	51

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Composição do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais.....	5
Figura 2. Fitofisionomias do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais.....	7
Figura 3. Áreas selecionadas nos biomas Cerrado e Mata Atlântica para análise de similaridade de Melastomataceae.	8
Figura 4. Espécies de Melastomataceae do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais	12
Figura 5. Hábito de vida das espécies de Melastomataceae do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas.....	13
Figura 6. Escalonamento multidimensional não-métrico.....	18
Figura 7. Teste de Mantel para as 25 áreas analisadas com base no coeficiente de similaridade de Sørensen.....	19

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Relação de espécies de Melastomataceae nos municípios que compõem o Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas.....	10
Tabela 2. Espécies de Melastomataceae nas diferentes fisionomias dos biomas Cerrado e Mata Atlântica do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas.....	14
Tabela 3. Número de espécies nas 25 áreas utilizadas na análise de similaridade.....	16
Tabela 4. Análise de similaridade florística das 25 áreas selecionadas.....	17

Melastomataceae Juss. do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais, Brasil

Melastomataceae Juss. from Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas mountain range, Minas Gerais, Brazil

Mateus Henrique Lauriano^{1,2} & Rosana Romero¹

¹ Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia, Rua Ceará s.n., 38400-902, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

²Autor para correspondência: laurianomateus@gmail.com

RESUMO

(Melastomataceae Juss. do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais, Brasil). O Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC) é formado por 12 serras localizadas nos municípios de Lavras, Itumirim, Ingaí, Itutinga, Carrancas e Minduri. O presente estudo objetivou estimar a diversidade de espécies de Melastomataceae no CSBC, bem como analisar a similaridade florística com outras 24 áreas dos biomas Cerrado e Mata Atlântica. O inventário das espécies foi feito por meio de consulta ao acervo dos herbários ESAL, HUFU e UEC, onde estão depositadas coleções representativas de Melastomataceae provenientes da área de estudo, ao Herbário Virtual Re flora e à plataforma *SpeciesLink*. O CSBC abriga 73 espécies de Melastomataceae, distribuídas nos gêneros *Miconia* (33 espécies), *Pleroma* (11 spp.), *Microlicia* e *Chaetogastra* (cinco spp. cada), *Trembleya* (três spp.), *Cambessedesia*, *Fritzschia*, *Leandra*, *Pterolepis* e *Rhynchanthera* (duas spp. cada), e *Acisanthera*, *Chaetostoma*, *Lavoisiera*, *Macairea*, *Marcetia* e *Siphanthera* (uma única espécie cada). A análise de agrupamento, com base na similaridade, demonstrou que a maioria das áreas é dissimilar, ressaltando a diversidade e o endemismo encontrado nestas diferentes áreas. Um grupo formado pelo CSBC, juntamente com Serra da Canastra e Serra de São José, todas no estado de Minas Gerais, está relacionado ao Arco Canastra e sua alta similaridades com áreas da província Sul do Espinhaço, enquanto outro grupo formado por Catolés, Rio de Contas e Pico das Almas, no estado da Bahia, pode ser explicado por sua localização na província da Chapada Diamantina. O município de Mucugê e o Parque Estadual da Serra Dourada mostraram-se mais dissimilares devido aos aspectos geomorfológicos e espécies endêmicas.

Palavras-chave: Campo das Vertentes, inventário florístico, riqueza de espécies.

ABSTRACT

(Melastomataceae Juss. at “Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas”, Minas Gerais, Brazil). The “Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC)” is composed by 12 mountains of Lavras, Itumirim, Ingaí, Itutinga, Carrancas and Minduri municipalities. This study aims to estimate the diversity of species of the family Melastomataceae in the CSBC and analyze the floristic similarity with areas of “Cerrado” and Atlantic Rainforest. The species inventory was made by consulting the collection of the ESAL, HUFU and UEC herbaria, where there are representative collections of Melastomataceae for the study area. The Virtual Re flora Herbarium was also consulted as well as *SpeciesLink* platform. The CSBC contains 73 species of Melastomataceae, distributed in the genera *Miconia*, with 33 species, *Pleroma* (11 spp.), *Microlicia* and *Chaetogastra* (five spp. each), *Trembleya* (three spp.), *Cambessedesia*, *Fritzschia*, *Leandra*, *Pterolepis* and *Rhynchanthera* (two spp. each), and *Acisanthera*, *Chaetostoma*, *Lavoisiera*, *Macairea*, *Marcetia* and *Siphanthera* (a single species each). The cluster analysis based on similarity demonstrated many dissimilar areas highlighting the diversity and endemism found in these different areas. A group formed by CSBC, together with Serra da Canastra and Serra de São José, all in the state of Minas Gerais, is related to Arco Canastra, and its high similarity with areas of the southern province of Espinhaço, while another group formed by Catolés, Rio de Contas and Pico das Almas, in state of Bahia, can be explained by its location in province of Chapada Diamantina. The municipality of Mucugê and the Serra Dourada State Park were more dissimilar due to geomorphological aspects and endemic species.

Keywords: Campo das Vertentes, floristic inventory, species richness.

INTRODUÇÃO

Os biomas brasileiros possuem uma grande diversidade de tipos vegetacionais, resultantes de fatores bióticos e abióticos que influenciam na história e evolução dos neotrópicos (Antonelli & Sanmartín 2011). Atualmente, o Brasil apresenta a maior diversidade de plantas vasculares do mundo com 56% das espécies consideradas exclusivas do país (Forzza *et al.* 2012).

O Cerrado é considerado o segundo maior bioma do Brasil, localizado primordialmente na região central do país (Klink & Machado 2005). Sua vegetação é tipicamente xeromórfica, de estrutura variável, composta por diferentes fitofisionomias das formações campestres, savânicas e florestais (Mittermeier *et al.* 2004; Klink & Machado 2005; Ribeiro & Walter 2008). O Cerrado apresenta elevada diversidade florística e, por isso, é reconhecido como a savana mais rica do mundo, com cerca de quarto mil espécies de sua flora endêmica (Myers *et al.* 2000; Mendonça *et al.* 1998; Klink & Machado 2005).

Mesmo com grande extensão e sendo apontado como uma área de *hotspot*, devido ao alto grau de endemismo e riqueza de espécies (Myers *et al.* 2000), o Cerrado perdeu aproximadamente 75% de sua cobertura original, e esse número tem aumentado ano a ano (Brandon *et al.* 2005). Infelizmente, apesar desta situação alarmante, apenas 3% da vegetação natural do Cerrado é mantida em áreas de proteção estrita equivalentes às categorias I a III da IUCN (Françoso *et al.* 2015; 2019).

A Mata Atlântica, outro bioma estritamente brasileiro, vem sofrendo perda significativa da sua área original, com consequente perda da biodiversidade, estimada atualmente em quase 7 % de sua cobertura original (Myers *et al.* 2000). Apesar da enorme devastação, a Mata Atlântica ainda é o berço de mais de oito mil espécies endêmicas da flora, o que também a caracteriza como um *hotspot* mundial (Myers *et al.* 2000).

As áreas de contato entre estes dois biomas são reconhecidas por apresentar um grande número de espécies e endemismos, sendo denominadas de ecótono (Odum 1971). Os ecótonos são zonas de transição entre sistemas ecológicos adjacentes com um conjunto de características definidas exclusivamente por escalas de espaço e tempo e pela força das interações entre áreas adjacentes e sistemas ecológicos (Holland *et al.* 1991).

O Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC), localizado no sul do estado de Minas Gerais, destaca-se por estar em uma área de ecótono e abranger extensas formações montanhosas com vegetação típica de Cerrado e Mata Atlântica (Carvalho 1992). O CSBC, como este complexo de serras será denominado no presente texto, estende-se pelos municípios de Lavras, Itumirim, Ingá, Carrancas, Itutinga e Minduri (Andrade 2013; Reis *et al.* 2015; Cavalcanti 2016; Martins 2017). Esta região vem sofrendo grandes impactos antrópicos, devido à expansão agropecuária e urbana (Drummond 2005). Um estudo feito por Lima *et al.* 2011 propuseram a criação de uma unidade de conservação baseada na vulnerabilidade da fauna, flora e susceptibilidade de erosão no solo, mas esta nunca foi efetivada.

Nas últimas décadas, a flora da região tem sido objeto de inventários, tanto do componente herbáceo-arbustivo (Gavilanes *et al.* 1991; Carvalho 1992; Gavilanes *et al.* 1992; Oliveira-Filho & Fluminhan-Filho 1999; Oliveira-Filho *et al.* 2004; Arruda 2017), como de algumas famílias de angiospermas (Simões & Kinoshita 2002; Matsumoto & Martins 2005; Reis *et al.* 2015; Cavalcanti 2016; Martins 2017; Ribeiro 2017). Entretanto, ainda existem muitas lacunas de conhecimento, particularmente para algumas das mais representativas famílias de angiospermas que ocorrem nos dois tipos de bioma.

Melastomataceae é considerada uma das famílias mais representativas da flora do Cerrado e da Mata Atlântica (Goldenberg *et al.* 2012). Mundialmente tem distribuição pantropical com maior concentração nos trópicos, possuindo 4.570 espécies e cerca de 150 gêneros (Renner 1993; Clausen & Renner 2001). No Brasil está representada por cerca de 1.481 espécies em 73 gêneros (Flora do Brasil de 2020 em construção).

A família constitui um grupo monofilético suportado por dados moleculares e morfológicos (Clausen & Renner 2001). Seus representantes são caracterizados principalmente pela venação acródroma, flores bissexuadas, actinomorfas, períginas ou epíginas com hipanto, androceu diplostêmone e antera geralmente poricida com pedoconectivo espessado e/ou prolongado (Romero & Martins 2002).

Há 15 anos, Matsumoto & Martins (2005) fizeram o inventário de Melastomataceae das formações campestres do município de Carrancas, não amostrando, contudo, as demais serras que compõem o CSBC. Assim, o presente estudo tem como objetivo complementar o inventário da família Melastomataceae no CSBC, e com isso fornecer uma análise de similaridade florística com outras áreas dos biomas Cerrado e Mata Atlântica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

O CSBC localiza-se na porção sul do estado de Minas Gerais, na mesorregião do Campo das Vertentes, sobre o planalto do Alto Rio Grande entre as latitudes $21^{\circ}18'41.29''\text{S}$ – $21^{\circ}39'4.48''\text{S}$ e longitudes $44^{\circ}32'28.96''\text{O}$ – $45^{\circ}7'26.89''\text{O}$. Abrange os municípios de Lavras, Itumirim, Ingaí, Itutinga, Carrancas e Minduri (Andrade 2013; Reis *et al.* 2015; Cavalcanti 2016; Martins 2017). O CSBC (Figura 1) é formado pelas Serras do Faria, da Bocaina, do Carrapato (município de Lavras), Serra do Campestre (município de Ingaí), Serra da Estância (município de Itumirim), Serras do Pombeiro, do Galinheiro, da Chapada e do Ouro Grosso (município de Itutinga), Serras de Carrancas e das Broas (município de Carrancas), e Chapada das Perdizes (Minduri).

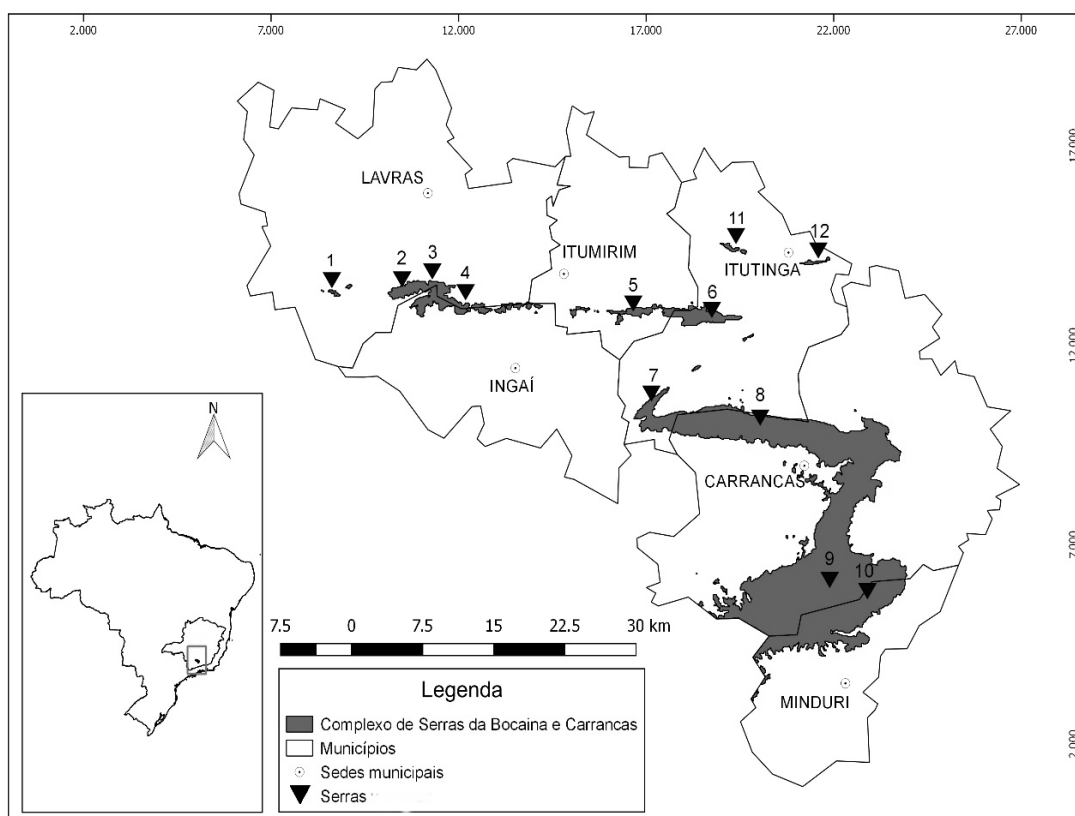


Figura 1. Composição do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC): 1. Serra do Faria; 2. Serra da Bocaina; 3. Serra do Carrapato (município de Lavras); 4. Serra do Campestre (município de Ingaí); 5. Serra da Estância (município de Itumirim); 6. Serra do Pombeiro; 7. Serra do Galinheiro (município de Itutinga); 8. Serra de Carrancas; 9. Serra das Broas (município de Carrancas); 10. Chapada das Perdizes (município de Minduri); 11. Serra da Chapada; 12. Serra do Ouro Grosso (município de Itutinga).

A altitude varia de 1.000 a 1.400 metros na Serra de Carrancas, atingindo cerca de 1.600 metros nos pontos mais altos (Curi *et al.* 1990; Neto 2012). A pluviosidade média anual é de 1.400 mm, concentrando-se nos meses de novembro a fevereiro. O clima da região, segundo o sistema de Köppen, é classificado como Cwb, ou seja, temperado mesotérmico, caracterizado por verões amenos e úmidos, e invernos secos. A temperatura média anual é de 21°C, com médias máximas de 23.5°C e mínimas de 17.5°C (Simões & Kinoshita 2002; Alvares 2013).

O CSBC está situado geologicamente na margem sul do Cráton São Francisco, formado por uma conformação morfoestrutural de alinhamentos quartzíticos monoclinais que alternam de orientação, fazendo com que o aspecto conformacional da estrutura serrana se configure na forma de “zigue-zague”, assemelhando-se ao formato em “Z” (Neto 2012; Martins 2017). O CSBC possui infraestrutura geológica de gnaisses granodioríticos listrados e gnaisses bandados, sendo as rochas supracrustais metassedimentares, representadas em sua totalidade por quartzitos micáceos, xistos grafitosos e micaxistos de origem neoproterozóica (Curi *et al.* 1990; Neto *et al.* 2004). Os solos são do tipo cambissolo ou litólico álico, possuindo substrato derivado de quartzito com contribuição de micaxisto ou substrato derivado de micaxisto com contribuições de quartzito (Curi *et al.* 1990).

A flora local é bastante diversificada, com predomínio das principais fitofisionomias do Cerrado. No alto das serras ocorre campo limpo, campo úmido, cerrado e campo rupestre. A floresta ciliar ocorre ao longo de cursos d’água, enquanto a floresta estacional semidecidual localiza-se nas áreas mais íngremes (Simões & Kinoshita 2002; Matsumoto & Martins 2005; Andrade 2013) (Figura 2).

Inventário das espécies

Inicialmente foi feito o levantamento das espécies de Melastomataceae que ocorrem no CSBC na base de dados das plataformas *SpeciesLink* (CRIA 2019) e no Herbário Virtual Re flora (Flora do Brasil 2020 em construção). Com base nesta consulta, foram solicitados aos herbários empréstimos das exsicatas de Melastomataceae provenientes do CSBC que não estavam identificadas. Foram feitas consultas presenciais aos herbários HUFU, ESAL e UEC (siglas de acordo com Thiers *et al.* 2019), onde estão incorporadas amostras de Melastomataceae coletadas na região de estudo. Adicionalmente, foram feitas expedições de coleta à Serra de Ouro Grosso, Serra da Chapada, Serra do Faria e (19 a 20 de junho de 2018),

Serra da Chapada dos Perdizes (30 de novembro de 2018), a fim de aumentar a amostragem da família nestas serras.

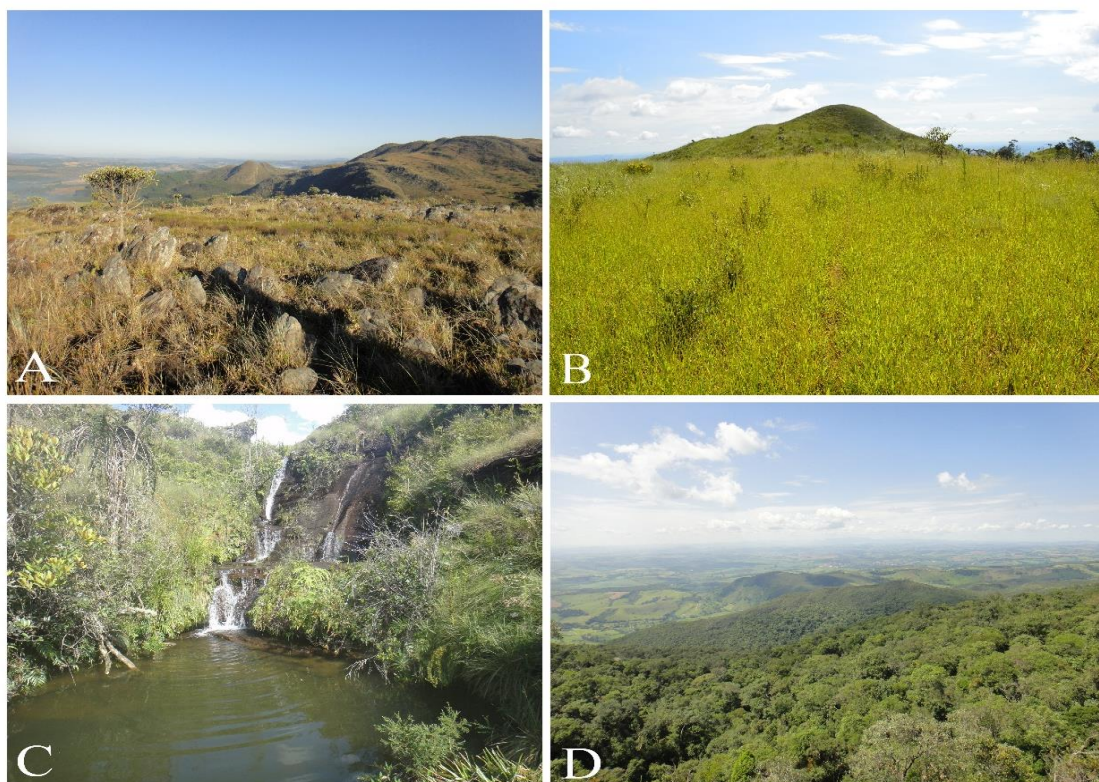


Figura 2. Fitofisionomias do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC). A. campo rupestre (Serra do Carrapato), B. campo limpo (Serra do Faria), C. floresta ciliar (Chapada dos Perdizes), D. floresta estacional semidecidual (Chapada dos Perdizes). Fotos: M. Lauriano.

Informações sobre o hábito e habitat das espécies foram obtidas das etiquetas das exsicatas e conferidas na literatura (Ribeiro & Walter 2008, Lima *et. al* 2011). O nome das espécies e a distribuição geográfica no Brasil foram conferidos na base de dados do Re flora (Flora do Brasil 2020 em construção). A indicação de espécies endêmicas e o estado de conservação baseou-se no Livro Vermelho da Flora do Brasil (Martinelli & Moraes 2013; Martinelli 2014).

Análise de similaridade florística

A análise de similaridade florística foi feita com base em 24 estudos da flora de Melastomataceae em diferentes áreas dos biomas Cerrado e Mata Atlântica (Figura 3), a saber: 11 áreas em Minas Gerais (Romero 2000; Candido 2005; Rodrigues 2005; Drummond *et al.* 2007; Chiavegatto & Baumgratz 2007; Kinoshita *et al.* 2007; Silva & Romero 2008;

Martins *et al.* 2009; Rolim 2011; Araújo 2013; Romero & Versiane 2014; Pirani *et al.* 2015; Justino 2016; Hemsing 2017), três áreas em Goiás (Munhoz & Proença 1998; Machado 2013; Neres 2016; Versiane *et al.* 2016), três áreas no Espírito Santo (Goldenberg & Reginato 2006; Meirelles & Goldenberg 2012; Iglesias *et al.* 2016), duas áreas no Rio de Janeiro (Baumgratz *et al.* 2006; Silva *et al.* 2013) quatro áreas na Bahia (Harley & Simmons 1986; Baumgratz *et al.* 1995; Zappi *et al.* 2003; Santos & Silva 2005) e uma área em São Paulo (Lima *et al.* 2014). A escolha dos estudos citados acima foi feita priorizando-se aqueles feitos por especialistas da família e/ou que apresentam número de espécies superior a 20.

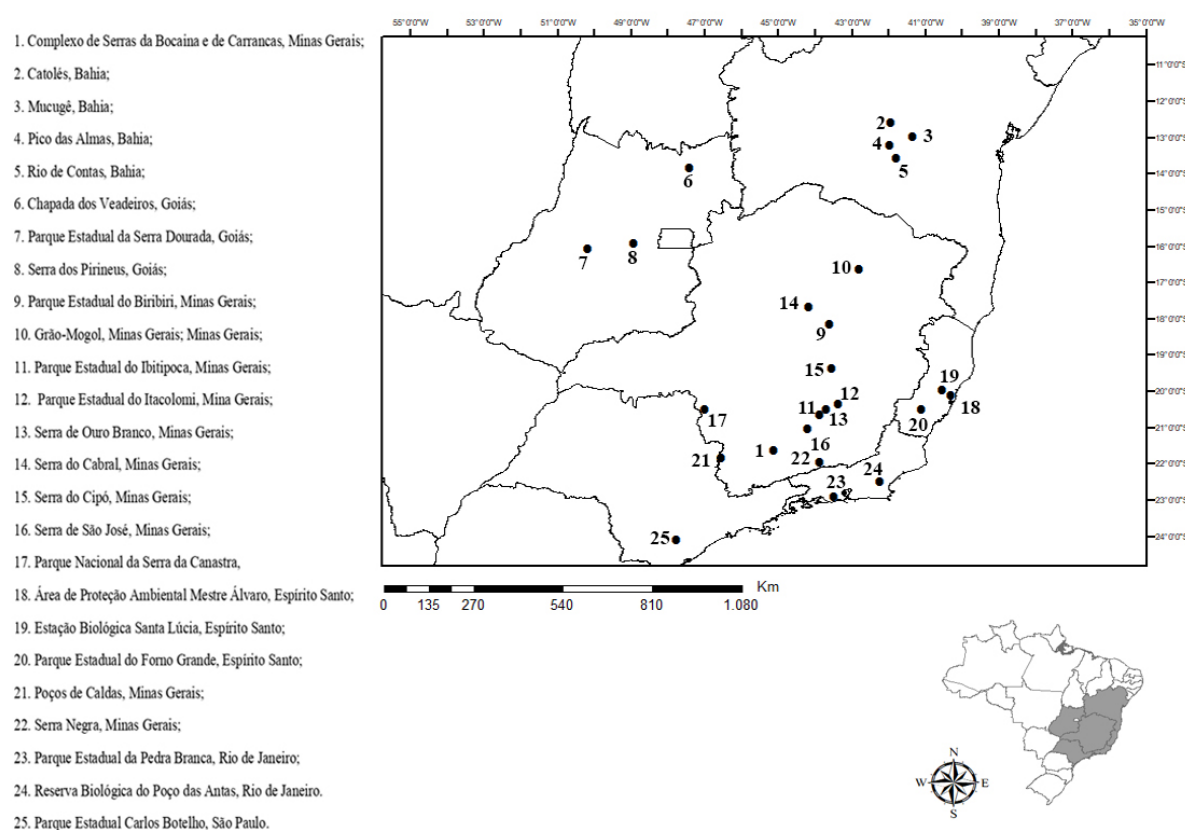


Figura 3. Áreas selecionadas nos biomas Cerrado e Mata Atlântica para análise de similaridade de Melastomataceae.

A partir dessas listagens foi feita uma matriz de ausência/presença das espécies de Melastomataceae nas áreas. Inicialmente, as listagens foram atualizadas para incluir as espécies novas descritas nos últimos anos (Goldenberg 1999; Baumgratz 2000; Guimarães & Goldenberg 2001; Romero 2003; Romero 2005; Woodgyer & Zappi 2005; Goldenberg & Reginato 2007; Goldenberg & Reginato 2009; Goldenberg & Kollmann 2010; Romero & Woodgyer 2010; Camargo & Goldenberg 2011; Caddah & Goldenberg 2012; Freitas *et al.* 2012; Meirelles *et al.* 2012; Pataro 2013; Reginato & Goldenberg 2013; Romero 2013;

Romero & Castro 2014; Romero & Versiane 2014; Goldenberg & Kollmann 2015; Guimarães & Freitas 2015; Bacci *et al.* 2016; Meyer *et al.* 2016; Romero *et al.* 2016) e a nomenclatura revisada com base nos estudos taxonômicos e filogenéticos de alguns gêneros (Martins 1989; Renner 1990; Renner 1994; Koschnitzke 1997; Rodrigues 2009; Martins & Almeida 2017; Michelangeli *et al.* 2018; Guimarães *et al.* 2019). Os nomes das espécies foram atualizados e todas as sinonímias eliminadas com base na Lista do Brasil (Flora do Brasil de 2020 em construção). Identificações de gêneros que estavam incompletas como “*sp.*”, “*cf.*” e “*aff.*”, bem como binômios não publicados foram excluídos.

Os padrões de similaridade foram analisados com base no coeficiente de similaridade de Sørensen para dados binários, dado pela fórmula $2A / (2A + B + C)$, onde A são as ocorrências mútuas (1–1), B a ocorrência em uma das áreas (1–0) e C as ausências (0–0). Para estabelecer o grau de similaridade foram feitas análises de agrupamento utilizando o método de escalonamento multidimensional não métrico (NMDS) (Clarke & Warwick, 1993), baseados pelo coeficiente de similaridade de Sørensen para dados binários.

Para verificar se houve correlação entre disposição espacial e similaridade entre as áreas foi utilizado o teste de Mantel (Mantel 1967; Mantel & Valand 1970). O teste de Mantel é uma ferramenta estatística que verifica se as distâncias entre um objeto da matriz X são linearmente independentes das distâncias entre os objetos da matriz Y, onde foram correlacionadas, neste trabalho, as matrizes de distância e de similaridade com repetições de 999 permutações. Todos os testes foram feitos no programa R (R Development Core Team, 2009) com auxílio do pacote Vegan (Oksanen *et al.* 2010).

RESULTADOS

Diversidade de espécies no CSBC

Um total de 73 espécies de Melastomataceae foram inventariadas no CSBC (Tabela 1). *Miconia* foi o gênero mais diverso, com 33 espécies, seguido de *Pleroma* com 11 espécies, *Microlicia* e *Chaetogastra* com cinco espécies e *Trembleya* com três espécies. *Cambessedesia*, *Fritzschia*, *Leandra*, *Pterolepis* e *Rhynchanthera* apresentaram duas espécies cada, enquanto *Acisanthera*, *Chaetostoma*, *Lavoisiera*, *Macairea*, *Marcetia* e *Siphanthera* apresentaram uma única espécie cada (Figura 4).

Com 58 espécies, Carrancas foi o município com maior diversidade, seguido dos municípios de Lavras, com 46 espécies, Ingaí com 36 spp., Itumirim com 33 spp., Itutinga e Minduri com 29 espécies cada.

Tabela 1. Relação de espécies de Melastomataceae nos municípios que compõem o Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC).

Espécies	Carrancas	Ingaí	Itumirim	Itutinga	Lavras	Minduri
<i>Acisanthera variabilis</i> (Naudin) Triana	X			X		
<i>Cambessedesia espora</i> (DC.) A.B.Martins		X		X	X	X
<i>Cambessedesia hilariana</i> (Kunth) DC.	X		X	X	X	
<i>Chaetogastra gracilis</i> (Bonpl.) DC.	X		X	X		X
<i>Chaetogastra herbacea</i> (DC.) P.J.F.Guim. & Michelang.	X	X			X	
<i>Chaetogastra hieracioides</i> Schrank & Mart. ex DC.	X				X	X
<i>Chaetogastra minor</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.						X
<i>Chaetogastra sebastianopolitana</i> (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.	X	X				
<i>Chaetostoma albiflorum</i> (Naudin) Koschnitzke & A.B. Martins	X		X	X	X	X
<i>Fritzschia sertularia</i> (DC.) M.J.R. Rocha & P.J.F. Guim.		X	X	X	X	
<i>Fritzschia furnensis</i> R.Romero & M.J.R.Rocha						X
<i>Lavoisiera imbricata</i> (Thunb.) DC.	X		X	X		X
<i>Leandra glabata</i> (Bunbury) Cogn.					X	
<i>Leandra salicina</i> (DC.) Cogn.	X					
<i>Macairea radula</i> (Bonpl.) DC				X		
<i>Marcetia taxifolia</i> (A.St.-Hil.) DC.	X	X	X		X	X
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	X	X	X	X	X	
<i>Miconia auricoma</i> (Spring. ex Mart.) R.Goldenb.	X				X	X
<i>Miconia budlejoides</i> Triana					X	
<i>Miconia chamissois</i> Naudin	X		X			
<i>Miconia chartacea</i> Triana					X	
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin					X	
<i>Miconia corallina</i> Spring	X					
<i>Miconia cyathanthera</i> Triana	X				X	
<i>Miconia discolor</i> DC.	X					
<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.	X					
<i>Miconia elegans</i> Cogn.	X	X				
<i>Miconia erostrata</i> (DC.) R.Goldenb.	X					
<i>Miconia fallax</i> DC.				X		

Tabela 1. Continuação.

Espécies	Carrancas	Ingá	Itumirim	Itutinga	Lavras	Minduri
<i>Miconia ferruginata</i> DC.	X	X	X	X	X	
<i>Miconia flammea</i> Casar.	X					
<i>Miconia ibaguensis</i> (Bonpl.) Triana	X				X	
<i>Miconia lacunosa</i> (Cogn.) R.Goldenb.	X	X		X	X	X
<i>Miconia leacongostiflora</i> R.Goldenb.	X	X		X	X	X
<i>Miconia leacoriacea</i> R.Goldenb.	X	X	X	X	X	
<i>Miconia leasanguinea</i> R.Goldenb.		X				
<i>Miconia ligustroides</i> (DC.) Naudin	X	X	X	X	X	X
<i>Miconia melastomoides</i> (Raddi) R.Goldenb.	X	X			X	X
<i>Miconia neourceolata</i> Michelang.			X			
<i>Miconia nianga</i> (DC.) R.Goldenb.	X	X				
<i>Miconia pepericarpa</i> DC.	X	X	X	X	X	
<i>Miconia polystachya</i> (Naudin) R.Goldenb.	X	X	X		X	
<i>Miconia rubiginosa</i> (Bonpl.) DC.	X	X	X	X	X	
<i>Miconia sclerophylla</i> Triana	X					
<i>Miconia sellowiana</i> Naudin	X				X	X
<i>Miconia stenostachya</i> DC.	X	X	X	X	X	
<i>Miconia theaezans</i> (Bonpl.) Cogn.	X				X	X
<i>Miconia trianae</i> Cogn.	X				X	
<i>Miconia urophylla</i> DC.						X
<i>Microlicia euphorbioides</i> Mart.	X	X	X	X	X	
<i>Microlicia fasciculata</i> Mart. ex Naudin	X	X	X	X	X	X
<i>Microlicia isophylla</i> DC.	X	X	X	X	X	X
<i>Microlicia serpyllifolia</i> D.Don	X	X	X	X	X	X
<i>Microlicia tomentella</i> Naudin	X	X	X	X	X	X
<i>Pleroma bandeirae</i> P.J.F.Guim. & Michelang.	X	X	X	X	X	
<i>Pleroma candolleanum</i> (Mart. ex DC.) Triana	X	X	X		X	X
<i>Pleroma cardinale</i> (Bonpl.) Triana						X
<i>Pleroma estrellense</i> (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.	X	X	X		X	
<i>Pleroma fothergillae</i> (Schrank & Mart. ex DC.)	X	X			X	X
<i>Pleroma frigidulum</i> (Schrank & Mart. ex DC.) Triana	X	X			X	X
<i>Pleroma gertii</i> P.J.F.Guim. & Michelang.	X	X	X		X	X
<i>Pleroma heteromallum</i> (D.Don) D.Don	X	X	X	X	X	X
<i>Pleroma martiale</i> (Cham.) Triana	X				X	
<i>Pleroma stenocarpum</i> (Schrank & Mart. ex DC.) Triana	X	X		X	X	X
<i>Pleroma villosissimum</i> Triana	X		X		X	
<i>Pterolepis perpusilla</i> (Naudin) Cogn.			X			
<i>Pterolepis repanda</i> (DC.) Triana	X	X	X	X	X	
<i>Rhynchanthera dichotoma</i> (Desr.) DC.		X				
<i>Rhynchanthera grandiflora</i> (Aubl.) DC.	X		X	X		
<i>Siphanthera cordata</i> Pohl ex DC.	X					
<i>Trembleya elegans</i> (Cogn.) Almeda & A.B.Martins	X					
<i>Trembleya parviflora</i> (D.Don) Cogn.	X	X	X	X	X	X
<i>Trembleya phlogiformis</i> DC.	X	X	X	X	X	X
Total de espécies	57	36	32	30	46	29

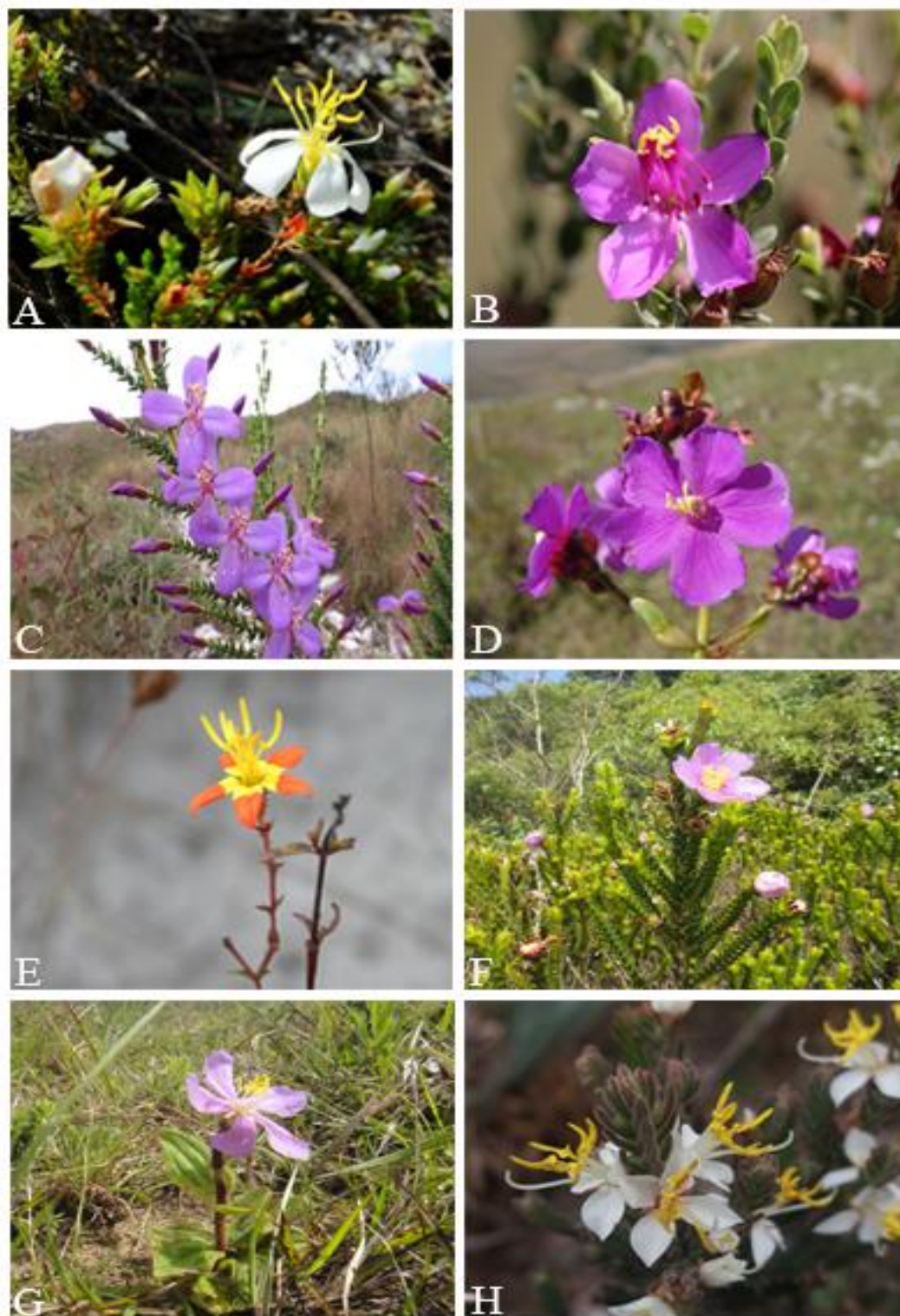


Figura 4. Espécies de Melastomataceae do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC). A. *Chaetostoma albiflorum*; B. *Microlícia tomentella*; C. *Fritzschia sertularia*; D. *Pleroma bandeirae*; E. *Cambessedesia hilariana*; F. *Lavoisiera imbricata*, G. *Chaetogastra hieracioides*; H. *Marcetia taxifolia*. Fotos: A: P. Sampaio, B e D: R. Romero, C: B.H.D. Freitas, E: A. Massensini Jr., F, H e I: M. Lauriano.

O hábito de vida mais comumente encontrado foi o arbustivo, em 54 espécies (54,5%), seguido do hábito subarbustivo, em 28 espécies (28,26%), arbóreo, em 20 espécies (20,19%), e herbáceo, em 5 espécies (5,5%).(Figura 5).

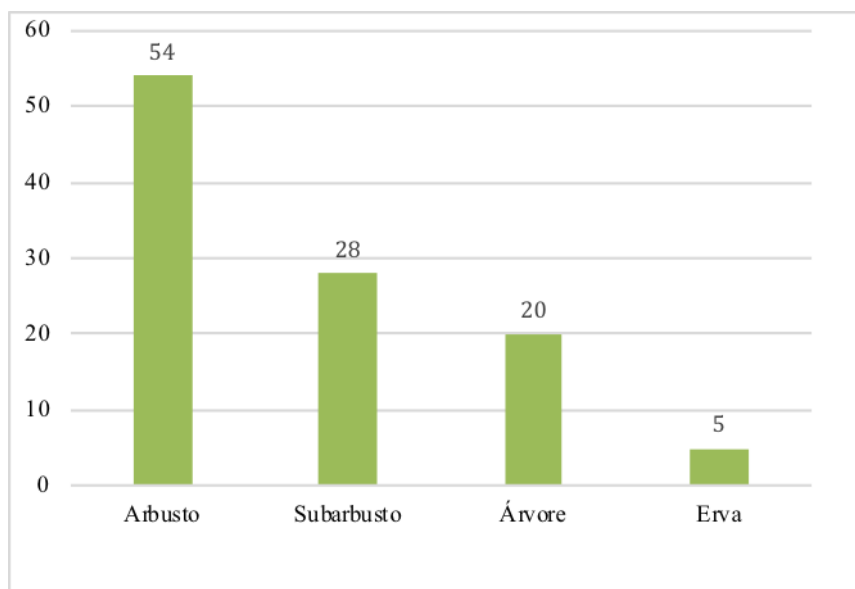


Figura 5. Hábito de vida das espécies de Melastomataceae do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas (CSBC).

As fitofisionomias do Cerrado apresentaram maior diversidade de espécies (67 espécies), quando comparadas com as fitofisionomias do bioma Mata Atlântica (19 espécies) (Tabela 2).

Com 51 espécies, o campo rupestre foi a fitofisionomia com maior diversidade de espécies de Melastomataceae. Nesta fisionomia, *Miconia* apresentou 18 espécies, *Pleroma* 10 espécies, *Microlicia* cinco espécies, *Trembleya* três espécies, *Cambessedesia*, *Fritzschia* e *Pterolepis* duas espécies, e *Acisanthera*, *Chaetogastra*, *Chaetostoma*, *Lavoisiera*, *Macairea*, *Marcetia*, *Rhynchanthera* e *Siphanthera* apresentaram uma espécie. Na floresta estacional semidecidual foram registradas 19 espécies representadas pelos gêneros *Miconia* (15 espécies), *Chaetogastra*, *Leandra*, *Pleroma* e *Rhynchanthera* (uma espécie cada). Já no campo limpo foram registradas quatro espécies, *Chaetogastra* com duas espécies, *Marcetia* e *Trembleya*, uma espécie cada, enquanto a floresta ciliar apresentou 12 espécies distribuídas nos gêneros *Miconia* (seis espécies), *Pleroma* (duas espécies), *Chaetogastra*, *Leandra*, *Rhynchanthera* e *Trembleya* (uma espécie cada) (Tabela 2).

Tabela 2. Espécies de Melastomataceae nas diferentes fitofisionomias dos biomas Cerrado e Mata Atlântica do Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas CSBC).

Espécies	campo rupestre	campo limpo	floresta ciliar	floresta estacional semidecidual
<i>Acisanthera variabilis</i> (Naudin) Triana	X			
<i>Cambessedesia espora</i> (DC.) A.B.Martins	X			
<i>Cambessedesia hilariana</i> (Kunth) DC.	X			
<i>Chaetogastra gracilis</i> (Bonpl.) DC.	X			
<i>Chaetogastra herbacea</i> (DC.) P.J.F.Guim. & Michelang.				X
<i>Chaetogastra hieracioides</i> Schrank & Mart. ex DC.		X		
<i>Chaetogastra minor</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	X			
<i>Chaetogastra sebastianopolitana</i> (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.		X	X	
<i>Chaetostoma albiflorum</i> (Naudin) Koschnitzke & A.B.Martins	X			
<i>Fritzschia sertularia</i> (DC.) M.J.R. Rocha & P.J.F. Guim.	X			
<i>Fritzschia furnensis</i> R.Romero & M.J.R.Rocha	X			
<i>Lavoisiera imbricata</i> (Thunb.) DC.	X			
<i>Leandra glabata</i> (Bunbury) Cogn.				X
<i>Leandra salicina</i> (DC.) Cogn.			X	
<i>Macairea radula</i> (Bonpl.) DC	X			
<i>Marcetia taxifolia</i> (A.St.-Hil.) DC.	X	X		
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	X			
<i>Miconia auricoma</i> (Spring. ex Mart.) R.Goldenb.	X			X
<i>Miconia budlejoides</i> Triana	X			
<i>Miconia chamissois</i> Naudin			X	
<i>Miconia chartacea</i> Triana				X
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin				X
<i>Miconia corallina</i> Spring	X			
<i>Miconia cyathanthera</i> Triana	X			X
<i>Miconia discolor</i> DC.				X
<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.			X	
<i>Miconia elegans</i> Cogn.				X
<i>Miconia erostrata</i> (DC.) R.Goldenb.	X			
<i>Miconia fallax</i> DC.	X			
<i>Miconia ferruginata</i> DC.	X			
<i>Miconia flammea</i> Casar.				X
<i>Miconia ibaguensis</i> (Bonpl.) Triana				X
<i>Miconia lacunosa</i> (Cogn.) R.Goldenb.				X
<i>Miconia leacongostiflora</i> R.Goldenb.	X			
<i>Miconia leacoriacea</i> R.Goldenb.	X			
<i>Miconia leasanguinea</i> R.Goldenb.			X	
<i>Miconia ligustroides</i> (DC.) Naudin	X			X
<i>Miconia melastomoides</i> (Raddi) R.Goldenb.			X	X
<i>Miconia neourceolata</i> Michelang.	X			
<i>Miconia nianga</i> (DC.) R.Goldenb.			X	
<i>Miconia pepericarpa</i> DC.	X			X
<i>Miconia polystachya</i> (Naudin) R.Goldenb.	X			
<i>Miconia rubiginosa</i> (Bonpl.) DC.	X			
<i>Miconia sclerophylla</i> Triana	X			
<i>Miconia sellowiana</i> Naudin	X			X
<i>Miconia stenostachya</i> DC.	X			
<i>Miconia theaezans</i> (Bonpl.) Cogn.			X	
<i>Miconia trianae</i> Cogn.				X
<i>Miconia urophylla</i> DC.				X
<i>Microlicia euphorbioides</i> Mart.	X			

Tabela 2. Continuação.

Espécies	campo rupestre	campo limpo	floresta ciliar	floresta estacional semidecidual
<i>Microlicia fasciculata</i> Mart. ex Naudin	X			
<i>Microlicia isophylla</i> DC.	X			
<i>Microlicia serpyllifolia</i> D.Don	X			
<i>Microlicia tomentella</i> Naudin	X			
<i>Pleroma bandeirae</i> P.J.F.Guim. & Michelang.	X			
<i>Pleroma candolleanum</i> (Mart. ex DC.) Triana	X			
<i>Pleroma cardinale</i> (Bonpl.) Triana			X	
<i>Pleroma estrellense</i> (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.	X			
<i>Pleroma fothergillae</i> (Schrunk & Mat. ex DC.) Triana	X			
<i>Pleroma frigidulum</i> (Schrunk & Mart. ex DC.) Triana	X			
<i>Pleroma gertii</i> P.J.F.Guim. & Michelang.	X			
<i>Pleroma heteromallum</i> (D.Don) D.Don	X		X	
<i>Pleroma martiale</i> (Cham.) Triana	X			
<i>Pleroma stenocarpum</i> (Schrunk & Mart. ex DC.) Triana	X			X
<i>Pleroma villosissimum</i> Triana	X			
<i>Pterolepis perpusilla</i> (Naudin) Cogn.	X			
<i>Pterolepis repanda</i> (DC.) Triana	X			
<i>Rhynchanthera dichotoma</i> (Desr.) DC.			X	X
<i>Rhynchanthera grandiflora</i> (Aubl.) DC.	X			
<i>Siphanthera cordata</i> Pohl ex DC.	X			
<i>Trembleya elegans</i> (Cogn.) Almeda & A.B.Martins	X			
<i>Trembleya parviflora</i> (D. Don) Cogn.	X		X	
<i>Trembleya phlogiformis</i> DC.	X	X		
Total de espécies	51	4	12	19

Com relação ao estado de ameaça das espécies de Melastomataceae do CSBC, 67 espécies se enquadraram na categoria NE (não avaliada no critério de risco), enquanto seis espécies se enquadraram na categoria LC (baixo risco de extinção).

Seis espécies endêmicas do estado de Minas Gerais foram registradas na área de estudo: *Chaetostoma albiflorum*, *Fritzschia sertularia*, *F.furnensis*, *Microlicia tomentella*, *Pleroma bandeirae* e *P. gertii*.

Comparação florística

A flora de Melastomataceae das 25 áreas analisadas apresentou 514 espécies em 34 gêneros (Anexo 1). Com 139 espécies de Melastomataceae, a Serra do Cipó foi a área que apresentou o maior número de espécies, seguida de Rio de Contas e Parque Nacional da Serra da Canastra com 97 e 95 espécies, respectivamente (Tabela 3).

Tabela 3. Número de espécies de Melastomataceae nas 25 áreas utilizadas na análise de similaridade.

Localidade	Número de espécies
Serra do Cipó, Minas Gerais	139
Rio de Contas, Bahia	97
Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais	95
Parque Estadual do Biribiri, Minas Gerais	90
Serra dos Pirineus, Goiás	75
Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais	73
Parque Estadual do Itacolomi, Minas Gerais	71
Serra do Cabral, Minas Gerais	68
Serra de Ouro Branco, Minas Gerais	64
Catolés, Bahia	62
Pico das Almas, Bahia	63
Serra Negra, Minas Gerais	61
Poços de Caldas, Minas Gerais	57
Estação Biológica Santa Lúcia, Santa Teresa, Espírito Santo	57
Serra de São José, Minas Gerais	54
Parque Estadual Carlos Botelho, São Paulo	50
Chapada dos Veadeiros, Goiás	49
Grão-Mogol, Minas Gerais	46
Município de Mucugê, Bahia	43
Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais	41
Parque Estadual da Serra Dourada, Goiás	39
Parque Estadual do Forno Grande, Espírito Santo	35
Reserva Biológica do Poço das Antas, Rio de Janeiro	31
Área de Proteção Ambiental Mestre Álvaro, Espírito Santo	26
Parque Estadual da Pedra Branca, Rio de Janeiro	25

As áreas agrupadas, devido ao maior coeficiente de similaridade de Sørensen, foram Pico das Almas e Rio de Contas (0.75), Rio de Contas e Catolés (0.65), CSBC e Parque Nacional da Serra da Canastra (0.63), Pico das Almas e Catolés (0.62), CSBC e Serra de São José (0.60), Serra do Ouro Branco e Parque Estadual do Itacolomi (0.59), CSBC e Ouro Branco (0.55), Serra Dourada e Serra dos Pirineus (0.53), Serra do Cipó e Parque Estadual do Biribiri (0.52), Estação Biológica Santa Lúcia (0.51), Serra de São José e Serra de Ouro Branco (0.50) e Parque Nacional da Serra da Canastra e Serra de São José (0.50) e CSBC (Tabela 4).

Tabela 4. Análise de similaridade florística entre as 25 áreas analisadas. Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais (CSBC); Catolés, Bahia (CATO); Mucugê, Bahia (MUCU); Pico das Almas, Bahia (PIAL); Rio de Contas, Bahia (RIOC); Chapada dos Veadeiros, Goiás (CHVE); Parque Estadual da Serra Dourada, Goiás (SDOR); Serra dos Pirineus, Goiás (PIRI); Parque Estadual do Biribiri, Minas Gerais (BIRI); Grão-Mogol, Minas Gerais (GRAO); Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais (IBIT); Parque Estadual do Itacolomi, Minas Gerais (ITAC); Serra de Ouro Branco, Minas Gerais (OUBR); Serra do Cabral, Minas Gerais (CABR) ; Serra do Cipó, Minas Gerais (CIPO); Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais (CANS) Serra de São José, Minas Gerais (SSJO); Área de Proteção Ambiental Mestre Álvaro, Espírito Santo (APMA); Estação Biológica Santa Lúcia, Espírito Santo (SLST); Parque Estadual do Forno Grande, Espírito Santo (FORG); Poços de Caldas, Minas Gerais (POÇO); Serra Negra, Minas Gerais (SNEG); Parque Estadual da Pedra Branca, Rio de Janeiro (PEPB); Reserva Biológica do Poço das Antas, Rio de Janeiro (RBPA); Parque Estadual Carlos Botelho, São Paulo (CBOT).

	CSBC	CATO	MUCU	PIAL	RIOC	CHVE	SDOR	PIRI	BIRI	GRAO	IBIT	ITAC	OUBR	CABR	CIPO	SSJO	CANS	APMA	SLST	FORG	POÇO	SNEG	PEPB	RBPA	CBOT
CSBC	1																								
CATO	0,31	1																							
MUCU	0,03	0,23	1																						
PIAL	0,32	0,624	0,23	1																					
RIOC	0,36	0,65	0,27	0,75	1																				
CHVE	0,34	0,16	0,02	0,25	0,22	1																			
SDOR	0,20	0,14	0	0,14	0,15	0,27	1																		
PIRI	0,43	0,25	0,05	0,25	0,33	0,47	0,53	1																	
BIRI	0,40	0,28	0,03	0,27	0,35	0,20	0,19	0,29	1																
GRAO	0,29	0,30	0,07	0,35	0,31	0,19	0,16	0,26	0,47	1															
IBIT	0,39	0,17	0,05	0,21	0,19	0,16	0,03	0,19	0,21	0,23	1														
ITAC	0,47	0,18	0,04	0,19	0,21	0,18	0,05	0,23	0,40	0,27	0,41	1													
OUBR	0,55	0,22	0,04	0,27	0,25	0,23	0,08	0,27	0,38	0,33	0,32	0,59	1												
CABR	0,44	0,28	0,05	0,29	0,34	0,31	0,17	0,34	0,43	0,39	0,20	0,26	0,36	1											
CIPO	0,43	0,27	0,02	0,26	0,31	0,18	0,12	0,23	0,52	0,27	0,24	0,45	0,39	0,38	1										
SSJO	0,60	0,29	0,02	0,29	0,29	0,27	0,19	0,34	0,43	0,34	0,36	0,46	0,50	0,39	0,38	1									
CANS	0,63	0,25	0,04	0,29	0,32	0,38	0,24	0,44	0,37	0,26	0,28	0,37	0,42	0,40	0,40	0,50	1								
APMA	0,12	0,07	0	0,04	0,07	0,03	0,12	0,08	0,09	0,06	0,12	0,06	0,09	0,02	0,10	0,1	0,13	1							
SLST	0,51	0,18	0,02	0,18	0,19	0,21	0,08	0,27	0,24	0,14	0,37	0,31	0,40	0,26	0,19	0,40	0,39	0,07	1						
FORG	0,20	0,12	0,03	0,14	0,11	0,05	0,05	0,11	0,10	0,15	0,37	0,15	0,20	0,08	0,10	0,18	0,22	0,20	0,28	1					
POÇO	0,14	0,08	0,02	0,03	0,06	0	0,02	0,05	0,04	0,04	0,16	0,06	0,03	0,03	0,10	0,09	0,12	0,36	0,14	0,24	1				
SNEG	0,36	0,20	0,06	0,18	0,22	0,11	0,06	0,13	0,21	0,17	0,47	0,30	0,29	0,17	0,23	0,28	0,28	0,21	0,36	0,40	0,22	1			
PEPB	0,10	0,02	0,03	0,02	0,07	0	0,06	0,06	0,07	0,06	0,12	0,04	0,07	0,02	0,07	0,10	0,15	0,43	0,12	0,20	0,29	0,21	1		
RBPA	0,15	0,02	0	0,04	0,08	0,03	0,11	0,08	0,08	0,05	0,11	0,10	0,11	0,04	0,11	0,12	0,14	0,28	0,11	0,18	0,27	0,17	0,39	1	
CBOT	0,11	0,05	0	0,05	0,08	0	0,02	0,05	0,09	0,04	0,18	0,08	0,07	0,07	0,07	0,13	0,15	0,16	0,22	0,26	0,21	0,29	0,21	0,2	1

No método de agrupamento houve a formação de dois grupos distintos: um grupo formado por áreas do Cerrado e de ecótono do CSBC e outro grupo formado por áreas de Mata Atlântica (Figura 6). No grupo do Cerrado ainda houve a formação de dois subgrupos: um subgrupo formado pelo CSBC (área 1), Serra de São José (área 16), Delfinópolis (área 10) e Parque Nacional da Serra da Canastra (área 12), todas localizadas no estado de Minas Gerais; e um segundo subgrupo formado por Catolés (área 2), Pico das Almas (área 4) e Rio de Contas (área 5), localizadas na Bahia (Figura 6).

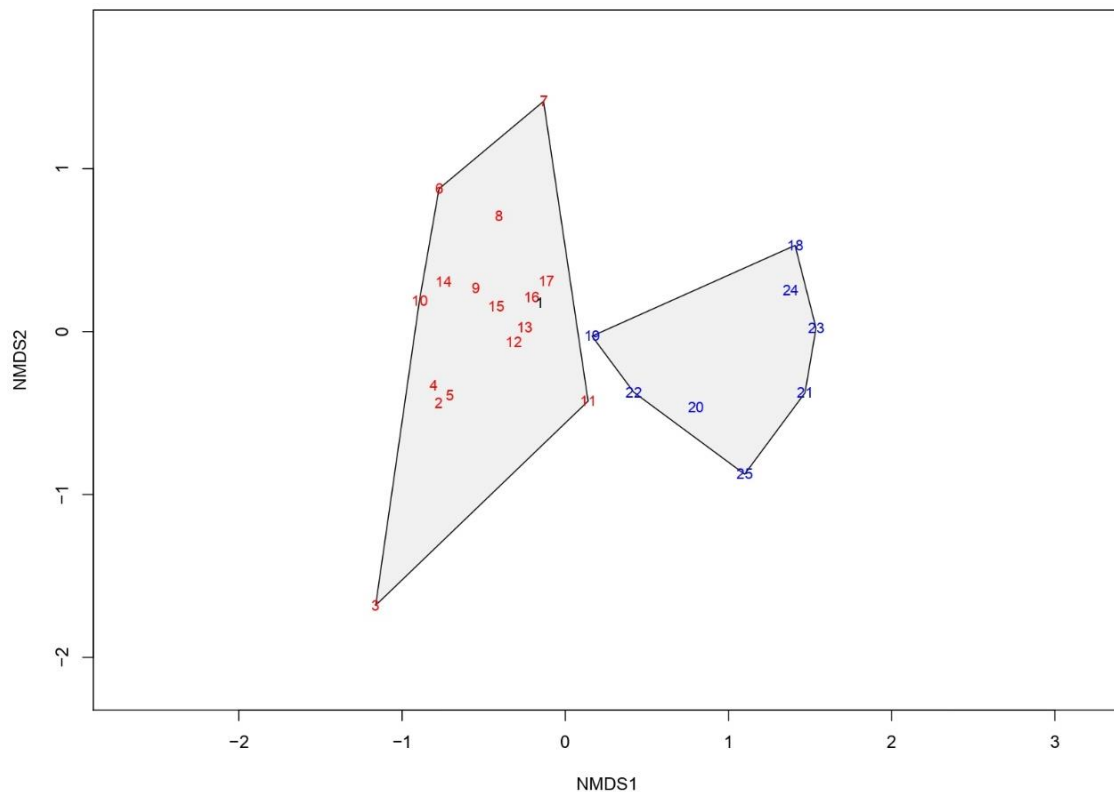


Figura 6. Escalonamento multidimensional não-métrico (NMDS): 1. Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais; 2. Catolés, Bahia; 3. Mucugê, Bahia; 4. Pico das Almas, Bahia; 5. Rio de Contas, Bahia; 6. Chapada dos Veadeiros, Goiás; 7. Parque Estadual da Serra Dourada, Goiás; 8. Serra dos Pirineus, Goiás; 9. Parque Estadual do Biribiri, Minas Gerais; 10. Grão-Mogol, Minas Gerais; 11. Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais; 12. Parque Estadual do Itacolomi, Minas Gerais; 13. Serra de Ouro Branco, Minas Gerais; 14. Serra do Cabral, Minas Gerais; 15. Serra do Cipó, Minas Gerais; 16. Serra de São José, Minas Gerais; 17. Parque Nacional da Serra da Canastra; 18. Área de Proteção Ambiental Mestre Álvaro, Espírito Santo; 19. Estação Biológica Santa Lúcia, Espírito Santo; 20. Parque Estadual do Forno Grande, Espírito Santo; 21. Poços de Caldas, Minas Gerais; 22. Serra Negra, Minas Gerais; 23. Parque Estadual da Pedra Branca, Rio de Janeiro; 24. Reserva Biológica do Poço das Antas, Rio de Janeiro; 25. Parque Estadual Carlos Botelho, São Paulo. Coeficiente de similaridade de Sørensen. Non-metric fit $R^2 = 0.981$; Linear fit, $R^2 = 0.921$. -17.69 -44.19

Com base no teste de Mantel verificou-se que a similaridade entre as áreas não tem correlação com a distância geográfica (p- value:1) (Figura 7).

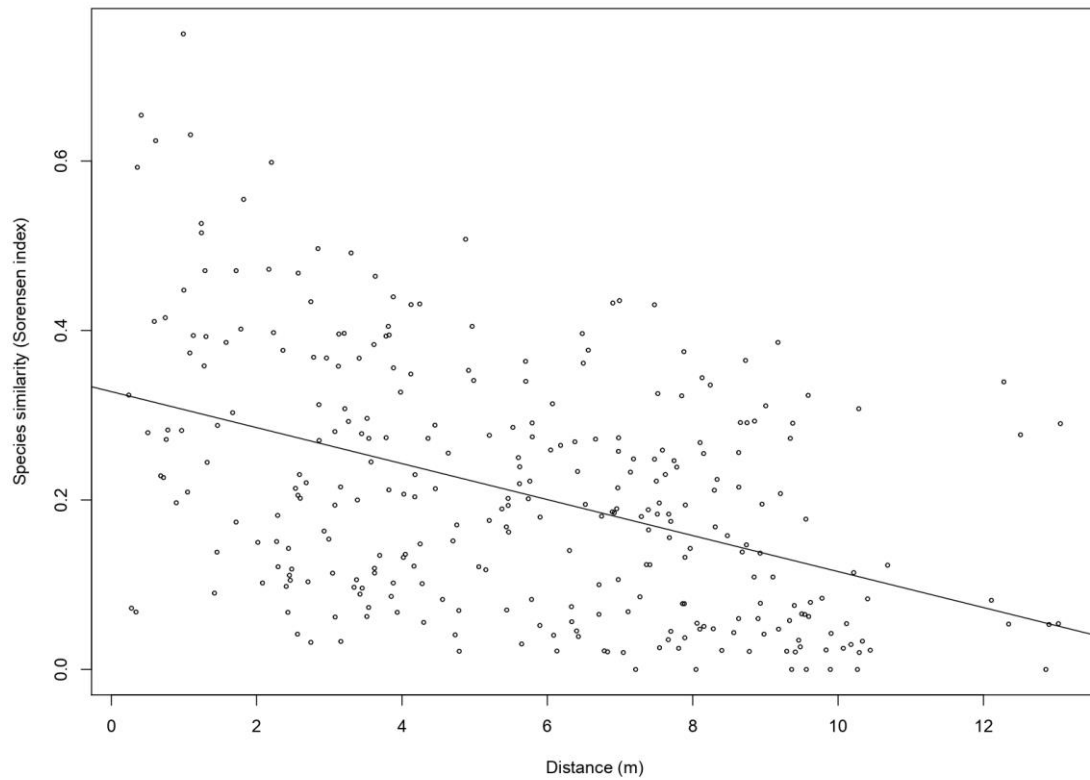


Figura 7. Teste de Mantel para as 25 áreas analisadas com base no coeficiente de similaridade de Sørensen (p-value: 1).

DISCUSSÃO

Diversidade florística

O CSBC é considerado uma área de ecótone entre dois grandes biomas brasileiros, o Cerrado e a Mata Atlântica (Lima *et al.* 2011). Ambos são importantes componentes da flora nacional, devido sua alta taxa de endemismo e diversidade de espécies e, por isso, são classificados como áreas de *hotspot* mundial (Myers *et al.* 2000).

Com 73 espécies, a família Melastomataceae apresenta-se bem representada na área estudada. Uma alta diversidade também foi encontrada para as famílias Asteraceae (Reis *et al.* 2015; Martins 2017; Ribeiro 2017) e Eriocaulaceae (Cavalcanti 2016). A elevada riqueza de espécies de Melastomataceae no CSBC pode ser explicada pela estar em uma região de ecótone e pela extensa área que este complexo de serras ocupa, apresentando aproximadamente 30 mil ha de vegetação nativa de remanescentes significativos das fitofisionomias de campo limpo, campo sujo, campo rupestre, floresta estacional semidecidual e floresta ciliar (Lima *et al.* 2011). Outro fator determinante para a diversidade de Melastomataceae é a alta riqueza de espécies encontrada no campo rupestre, o qual possui uma variedade de características geoambientais (solo, umidade e temperatura) que proporcionam uma gama de habitats e que, consequentemente, elevam o número de espécies, conforme também observado por Reis *et al.* (2015) para a família Asteraceae no CSBC.

A paisagem do CSBC apresenta-se heterogênea em função das diferentes fitofisionomias, havendo forte influência das espécies do Cerrado. De acordo com Lima *et al.* (2011), o campo limpo e o campo sujo ocupam ca. 22 mil ha, enquanto a floresta estacional semidecidual ca. 7 mil ha e o campo rupestre apenas ca. 650 ha.

Apesar do campo rupestre ter a menor área, esta apresenta a maior riqueza de espécies dentre as fitofisionomias da área. Sabe-se que a flora do campo rupestre está frequentemente sujeita a flutuações extremas em relação a temperatura e disponibilidade de água (Zappi *et al.* 2003). Além disso, a paisagem rochosa contribui para a formação de microclimas que suportam uma elevada diversidade de plantas (Zappi *et al.* 2003). Assim, a grande variedade de habitats, heterogeneidade espacial e condições ambientais extremas criam esses microclimas onde propiciam a coexistência de diversas espécies e,

consequentemente, promovem a alta diversidade local (Tilman 1994; Zappi *et al.* 2003), como foi observado no CSBC.

No CSBC, as espécies de Melastomataceae com hábitos arbustivo e subarbustivo, que são predominantes, ocorrem prioritariamente nas áreas mais abertas, como o campo sujo, campo limpo e campo rupestre, fitofisionomias em que há predomínio deste tipo de hábito (Ribeiro & Walter 2008). As cinco espécies (*Chaetogastra hieracioides*, *C. minor*, *Pterolepis perpusilla*, *P. repanda* e *Siphanthera cordata*) com hábito herbáceo também estão presentes nestas fisionomias.

Nos remanescentes florestais, as espécies de Melastomataceae de hábito arbóreo ocorrem predominantemente na floresta de galeria e na floresta estacional semidecidual. Nesta última, há uma alta representatividade de espécies características do bioma Mata Atlântica, como por exemplo *Miconia dodecandra*, *M. elegans*, *M. flammea*, *M. cinnamomifolia*, *M. discolor*, *M. leasanguinea*, *M. nianga*, *M. urophylla* e *Pleroma estrellense*. Apesar de possuir uma altura mais baixa, menor biomassa e menor riqueza florística em comparação às demais florestas tropicais úmidas (Murphy & Lugo 1986; Nogueira *et al.* 2008), a floresta estacional semidecidual do CSBC apresentou a segunda maior riqueza em espécies.

Na floresta de galeria foram observadas *Miconia dodecandra* e *M. elegans*, que também ocorrem frequentemente em floresta ombrófila (Rezende *et al.* 2014; Bacci 2015). A floresta de galeria tem sido considerada uma fisionomia típica do Cerrado (Ribeiro & Walter 1998). Contudo, alguns autores a consideram uma vegetação extra-Cerrado, devido sua forte ligação com linhas de drenagem naturais (Coutinho 1978; Eiten 1994, Coutinho 2006) estando intimamente ligadas com outros biomas, como a Mata Atlântica (Costa 2003; Fernandes 2003).

No geral, o estado de conservação das espécies de Melastomataceae do CSBC não apresentou grau de vulnerabilidade ou perigo. *Chaetostoma albiflorum*, *Fritzschia sertularia*, *F. furnensis*, *Microlicia tomentella*, *Pleroma cardinale*, *P. bandeirae* e *P. gertii* são endêmicas do estado de Minas Gerais (Koschnitzke 1997; Romero 2000; Pacifico 2017; Reis *et al.* 2018; Guimarães *et al.* 2019). Em contrapartida, algumas espécies são amplamente distribuídas, ocorrendo em grande parte do Brasil, como *Marcetia taxifolia*, *Miconia albicans*, *M. ligustroides* e *Trembleya parviflora* (Martins 1989; Martins 1997; Rezende 2012; Rezende *et al.* 2014; Bacci 2015).

Com relação à diversidade de Melastomataceae nos municípios que compõe o CSBC, Carrancas apresentou o maior número de espécies. Anteriormente, Matsumoto

& Martins (2005) já haviam catalogado 42 espécies para as formações campestres de Carrancas. Com o incremento das coletas na região nos últimos anos, principalmente nas formações florestais que não haviam sido contempladas até então, bem como as atualizações taxonômicas feitas, este número aumentou para 57 espécies. Quatro novos registros foram adicionados, *Cambessedesia hilariana*, *Miconia sclerophylla*, *Pleroma villosissimum* e *P. gertii*, todas com ocorrência em campo rupestre. Para as formações florestais (floresta de galeria e floresta estacional semidecidual) foram adicionados 15 novos registros: *Miconia corallina*, *M. cyathanthera*, *M. discolor*, *M. dodecandra*, *M. elegans*, *M. flammea*, *M. ibaguensis*, *M. lacunosa*, *M. melastomoides*, *M. nianga*, *M. sellowiana*, *M. trianae*, *Pleroma candolleanum*, *P. fothergillii* e *P. estrellense*. Estas espécies ocorrem preferencialmente associadas as fisionomias Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Guimarães 1997; Rezende 2012; Rezende *et al.* 2014).

Lavras, com 46 espécies de Melastomataceae, é o segundo município com maior número de espécies. Apenas a Serra do Carrapato e Serra da Bocaina já haviam sido inventariadas anteriormente com 32 espécies de Melastomataceae (Gavilanes & Brandão 1991; Gavilanes 1992; Dalanesi *et al.* 2004). O presente estudo acrescentou 26 novas ocorrências de Melastomataceae para o município, proveniente de novos registros e correções taxonômicas sendo: *Cambessedesia*, *Chaetogastra herbácea*, *C. hieracioides*, *Chaetostoma albiflorum*, *Fritzschia sertularia*, *Marcetia taxifolia*, *Miconia auricoma*, *M. budlejoides*, *M. cyathanthera*, *M. flammea*, *M. ibaguensis*, *M. leaongestiflora*, *M. leacoriacea*, *M. rubiginosa*, *Microlicia euphorbioides*, *M. fasciculata*, *M. isophylla*, *M. serpyllifolia*, *M. tomentella*, *Pleroma bandeirae*, *P. estrellense*, *P. frigidulum*, *P. gertii*, *P. martiale*, *P. villosissimum* e *Pterolepis repanda*. A Serra do Faria foi pela primeira vez contemplada com um levantamento das espécies de Melastomataceae neste presente estudo.

A Serra do Campestre, única serra amostrada no município de Ingaí, apresenta 36 espécies, ocupando assim a terceira posição em número de espécies. Apesar de apresentar um número razoável, não há nenhuma espécie que seja restrita à esta serra, e as espécies que lá ocorrem, no geral apresentam distribuição ampla, tanto no bioma Cerrado como na Mata Atlântica (Flora do Brasil 2020 em construção).

Itumirim, com 32 espécies, também teve apenas uma serra amostrada (Serra da Estância). Dentre as espécies presentes neste município, destacam-se *Miconia neourceolata* e *Pterolepis perpusilla*, ambas com ampla distribuição no Brasil

(Michelangeli & Reginato 2015; Romero 2015), mas que no CSBC estão restritas somente a esta serra.

O inventário florístico feito por Arruda (2017) no campo rupestre do município de Itutinga indicou que das 70 famílias amostradas, Melastomataceae, com 23 espécies, está entre as cinco mais diversas. O presente estudo adicionou sete espécies (*Macaírea radula*, *Miconia lacunosa*, *M. leacongeliflora*, *M. ligustroides*, *M. pepericarpa*, *Microlicia euphorbioides* e *Rhynchanthera grandiflora*) à listagem anteriormente apresentada por Arruda (2017). As espécies acrescentadas são provenientes de identificações de exsicatas que estavam previamente indeterminadas, além de novos registros.

Por fim, a Chapada das Perdizes, no município de Minduri, apresentou 29 espécies, e deste total apenas *Chaetogastra minor*, *Fritzschia furnensis*, *Miconia urophylla* e *Pleroma cardinale* estão restritas à esta localidade. *Fritzschia furnensis* e *P. cardinale* são endêmicas de Minas Gerais, ocorrendo, principalmente, em campo rupestre (Guimarães 1997; Pacifico *et al.* 2018; Rocha *et al.* 2016), enquanto *M. urophylla* é endêmica das florestas ombrófilas de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Goldenberg & Caddah 2015). Já *C. minor* ocorre exclusivamente em campo limpo dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (Guimarães 2015).

Similaridade Florística

Na análise de similaridade florística das áreas foi evidenciado a formação de dois grandes grupos, sendo um contendo áreas do Cerrado e outro da Mata Atlântica. Ao compararmos a distribuição geográfica das áreas e a similaridade florística foi demonstrado que não há correlação, podendo ser reflexo da grande biodiversidade e endemismo encontrados nas diferentes áreas de Cerrado e Mata Atlântica (Kink & Machado 2005; Tabarelli *et al.* 2005).

As áreas analisadas pertencentes ao bioma Cerrado estão fortemente correlacionadas ao campo rupestre, fisionomia caracterizada por apresentar um conjunto de condições ambientais distintas, favorecendo o surgimento de paisagens com diversidade e heterogeneidade de habitats, refletindo em um alto grau de endemismos (Giulietti *et al.* 1987; Harley 1995; Safford 1999; Fiaschi & Pirani 2009; Alves & Kolbek 2010). O campo rupestre atinge seu nível máximo de diversidade nas áreas mais elevadas da Cadeia do Espinhaço e em outras áreas montanhosas do Brasil, como a Chapada dos Veadeiros (Munhoz & Proença 1998) e a Serra dos Pirineus (Versiane *et*

al. 2016), estas duas no estado de Goiás; a Serra da Canastra (Romero & Martins 2002), Serra de São José (Drummond *et al.* 2007) e o Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas, na região sudoeste de Minas Gerais; e na Serra de Ibitipoca (Chiavegatto & Baumgratz 2007), mais ao sul do estado. Estas áreas apresentam uma grande riqueza de espécies e endemismos, e parte desta diversidade está restrita ao campo rupestre (Rapini *et al.* 2008).

Estudo feito por Colli-Silva *et al.* (2019) propõe que o campo rupestre seja considerado uma província florística distinta do Cerrado e da Caatinga, devido à sua fitofisionomia peculiar e ao conjunto de espécies endêmicas (Eiten 1978; Harley 1988; Prance 1994; Zappi *et al.* 2017). Os autores Colli-Silva *et al.* (2019) reconhecem, que a Serra do Espinhaço possui duas províncias: uma ao norte do Espinhaço, na Bahia, denominada de província da Chapada Diamantina, e uma ao sul do Espinhaço, denominada Sul do Espinhaço, no estado de Minas Gerais, as demais regiões de campo rupestre como as Serras de Goiás e as Serras do sudoeste de Minas Gerais não foram contempladas como províncias distintas nas análises propostas.

A flora da região do sudoeste de Minas Gerais demonstram grande potencial em riqueza e endemismo de espécies, já que para a família Melastomataceae, uma família bem representativa no Cerrado e no campo rupestre(referencia), áreas como CSBC e Parque Nacional da Canastra são a terceira e a sexta com maior riqueza de espécies dentre as 25 inventariadas.

A alta representatividade na flora fica evidente quando comparamos os estudos florísticos feitos até o momento nas áreas do sudoeste de Minas Gerais, onde Melastomataceae se destaca por apresentar uma grande diversidade. O Parque Nacional da Canastra com 95 espécies, Melastomataceae é a segunda mais diversa entre as 12 famílias tratadas no parque (Nakajima & Semir 2001; Romero & Martins 2002; Farinaccio & Mello-Silva 2004; Scudeller 2004; Pontes & Mello-Silva 2005; Volpi 2006; Filardi *et al.* 2007; Carvalho-Silva & Guimarães 2009; Hemsing & Romero 2010; Silveira 2010; Gonçalves *et al.* 2013, Morokawa *et al.* 2013), o CSBC com 73 espécies é a segunda mais diversa (Reis *et al.* 2015; Cavalcanti 2016) e a Serra de São José com 56 espécies, é considerada a quarta maior família (Alves 1992; Drummond *et al.* 2007).

Houve a formação de um agrupamento entre as regiões do sudoeste de Minas Gerais na análise proposta, formando o subgrupo composto por CSBC, Parque Nacional da Canastra, Serra de São José, que forma um contínuo com as regiões do Sul do Espinhaço. O fator que ressalta esse agrupamento é que essas áreas compõem o Arco

Canastra (Almeida 1964; Moreira 1977; Romero & Martins 2002), considerado um entroncamento entre a Serra do Espinhaço e as Serras de Goiás (Almeida 1964; Moreira 1977; Romero & Martins 2002). O Arco Canastra caracteriza-se por sua estrutura pré-cambriana que separa as bacias do São Francisco e Paraná, formando uma grande cinta orogenética que se estende ao centro de Goiás, envolvendo a sul, sudoeste e oeste a bacia sedimentar do São Francisco (Almeida 1964; Moreira 1977). O subgrupo sudoeste de Minas Gerais também foi observado para a família Asteraceae (Reis *et al.* 2015), evidenciando, assim, a alta similaridade florística entre essas áreas.

Outra localidade destacada por Colli-Silva *et al.* (2019) é o complexo formado por áreas no estado de Goiás, como a Chapada dos Veadeiros, Serra Dourada e Serra dos Pirineus. Estas áreas se destacam pela singularidade florística e uma elevada riqueza de espécies (Munhoz & Proença 1995; Versiane *et al.* 2016; Diniz 2018). A Serra dos Pirineus apresenta 75 espécies, das quais 21 são endêmicas de Goiás, e ao menos três são endêmicas desta serra: *Microlicia cryptandra*, *M. ramosa* e *Pleroma crassirame* (Versiane *et al.* 2016). Dentre as áreas aqui analisadas, a Serra dos Pirineus é a quinta com maior número de espécies.

O Parque Estadual da Serra Dourada, localizado no Planalto Central brasileiro, apresenta uma elevada dissimilaridade comparada as demais áreas de Goiás. A região possui um relevo suavemente ondulado com cristas e espigões mantidos por algumas rochas menos afetadas pelo intemperismo (Danni *et al.* 1973). Sua cobertura vegetal é constituída por fitofisionomias do Cerrado como a floresta de galeria, floresta seca, campo limpo e o campo rupestre (Machado 2013). Além dos aspectos geomorfológicos, Serra Dourada apresenta algumas espécies que não são encontradas nem na Chapada dos Veadeiros, nem na Serra dos Pirineus. *Clidemia hirta*, *Miconia affinis*, *M. lanata*, *M. tomentosa* são exclusivas da Serra Dourada, com ocorrência em floresta de galeria, enquanto *Miconia leucocarpa*, *Microlicia ordinata*, *Pleroma robustum* e *Tibouchina johnwurdackiana* ocorrem exclusivamente em campo rupestre.

Diversas espécies de Melastomataceae são compartilhadas entre as áreas de Goiás e o subgrupo sudoeste de Minas Gerais como: *Acisanthera variabilis*, *Cambessedesia espora*, *C. hilariana*, *C. regnelliana*, *Clidemia hirta*, *Chaetogastra herbacea*, *Lavoisiera imbricata*, *Leandra salicina*, *Macairea radula*, *Miconia affinis*, *M. albicans*, *M. auricoma*, *M. calvescens*, *M. chamissois*, *M. chartacea*, *M. elegans*, *M. erostrata*, *M. fallax*, *M. ferruginata*, *M. ibaguensis*, *M. lacunosa*, *M. leaongestiflora*, *M. melastomoides*, *M. minutiflora*, *M. nervosa*, *M. pepericarpa*, *M. polystachya*, *M.*

rubiginosa, *M. sellowiana*, *M. stenostachya*, *Microlicia acuminata*, *M. euphorbioides*, *M. fasciculata*, *M. scoparia*, *M. serpyllifolia*, *Pleroma candolleanum*, *P. stenocarpum*, *Pterolepis perpusilla*, *P. repanda*, *Rhynchanthera grandiflora*, *Siphanthera cordata*, *S. dawsonii*, *S. gracillima*, *Tibouchina aegopogon*, *Trembleya parviflora* e *T. phlogiformis*.

Dentre as espécies citadas, destacam-se *Microlicia acuminata*, *M. scoparia*, *M. serpyllifolia*, *Siphanthera dawsonii* e *S. gracilima* que ocorrem exclusivamente em campo rupestre (Romero 2000; Romero & Versiane 2014). Espécies endêmicas compartilhadas podem ser utilizadas para acessar a conectividade histórica entre áreas atualmente descontínuas (Platnick & Nelson 2008). Deste modo, pode haver uma conectividade entre o grupo do sudoeste de Minas Gerais e as serras de Goiás, padrão que também foi observado por Freitas (2018) para algumas espécies de Eriocaulaceae.

A província Sul do Espinhaço, composta pela região mineira da Serra do Espinhaço, ao qual possivelmente estaria conectada com a região do Arco Canastra (Almeida 1964; Moreira 1977), possui uma flora predominantemente herbácea, apresentando maior diversidade de espécies que a província da Chapada Diamantina (Colli-Silva *et al.* 2019). Esta província ainda pode ser subdividida em três distritos: Distrito de Grão-Mogol, Distrito do Planalto Diamantina e Distrito do Quadrilátero Ferrífero (Echternacht *et al.* 2011; Colli-Silva *et al.* 2019), sendo essas divisões evidenciadas nas áreas agrupadas da presente análise. Na Província Sul do Espinhaço, a família Melastomataceae também destaca-se pela grande diversidade de espécies e pelos gêneros com alto grau de endemismo como *Fritzschia*, *Lavoisiera*, *Microlicia* e *Trembleya* (Semir *et al.* 1987; Candido 2005; Rodrigues 2005; Martins *et al.* 2009; Rolim 2011; Fidanza *et al.* 2013; Martins & Almeida 2017; Colli-Silva *et al.* 2019).

No Distrito do Planalto Diamantina, região que ocupa posição central na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais (Colli-Silva *et al.* 2019), a Serra do Cipó com 139 espécies (Fidanza & A.B. Martins 2014; Fidanza *et al.* 2014; Goldenberg 2014; Goldenberg & Reginato 2014; Romero *et al.* 2014) apresenta a maior diversidade de Melastomataceae dentre todas as 25 áreas analisadas. Estudos realizados anteriormente mostram que esta é considerada a terceira família com maior número de espécies na região (Semir *et al.* 1987; Giuliatti *et al.* 1987; Fidanza & A.B. Martins 2014; Fidanza *et al.* 2014; Goldenberg 2014; Goldenberg & Reginato 2014; Romero *et al.* 2014). O Parque Estadual do Biribiri, também presente neste distrito, apresenta 90 espécies de Melastomataceae (Araújo 2013), sendo a terceira área com maior número de espécies dentre as áreas analisadas.

O Distrito de Grão-Mogol, localizado mais ao norte da Serra do Espinhaço no estado de Minas Gerais, tem como localização-tipo o Parque Estadual de Grão-Mogol (Colli-Silva *et al.* 2019). A região conta com 46 espécies de Melastomataceae (Martins *et al.* 2009), e apresenta a ocorrência de pelo menos três espécies endêmicas, *Lavoisiera mellobarretoii*, *Marcetia hatschbachii* e *Trembleya hatschbachii*.

Já no Distrito do Quadrilátero Ferrífero, localizado ao sul da Serra do Espinhaço, a Serra do Ouro Branco apresenta 65 espécies de Melastomataceae (Hemsing 2018).

A província da Chapada Diamantina, localizada na região baiana da Cadeia do Espinhaço, exibe uma flora predominantemente arbustiva, com Melastomataceae destacando-se como a segunda família com maior diversidade (Colli-Silva *et al.* 2019). Nesta província, os gêneros mais representativos da família são *Marcetia*, *Microlicia* e *Cambessedesia* (Harley & Simmons 1986; Baumgratz 1995; Guedes & Orge 1998; Zappi *et al.* 2003; Santos & Silva 2005; Pataro *et al.* 2017; Colli-Silva *et al.* 2019). Dentre as áreas da Bahia aqui analisadas, Rio de Contas, Catolés e Pico das Almas, se agruparam, formando o subgrupo baiano, onde destaca-se Rio de Contas por apresentar 97 espécies (Santos & Silva 2005), sendo, portanto, a segunda área com maior diversidade de Melastomataceae. Esse subgrupo pode ser explicado pela localização das três áreas na província da Chapada Diamantina (Colli-Silva *et al.* 2019), estando este subgrupo, como um todo, sujeito às mesmas variações de temperatura e de altitude, além do predomínio do campo rupestre com forte influência do Cerrado e da Caatinga (Harley 1995; Zappi *et al.* 2003)

Apesar de Mucugê também compor a província da Chapada Diamantina, diferencia-se das demais áreas devido a sua alta dissimilaridade. Esse fator pode ser explicado pela presença de espécies endêmicas como *Lavoisiera nervulosa*, *Microlicia intercalycina* e *M. macropétala* e por apresentar pelo menos 22 espécies (*Cambessedesia cambessedesioides*, *Huberia consimilis*, *Marcetia alba*, *M. macrophylla*, *M. mucungensis*, *M. nervulosa*, *M. sincorensis*, *Microlicia baccharoides*, *M. hirta*, *M. leucopetala*, *M. longisepala*, *M. macropetala*, *M. mucugensis*, *M. neglecta*, *M. noblickii*, *M. pinheiroi*, *M. pulchra*, *M. wurdackiana*, *Pleroma barnebyanum*, *P. carvalhoi*, *P. comosum*, *Pterolepis cataphracta* e *Pterolepis rotundifolia*) que não estão presentes nas demais áreas analisadas da Chapada Diamantina.

O grupo formado pelas áreas de Mata Atlântica se apresentam dissimilares, podendo esta dissimilaridade ser explicada pelas particularidades deste bioma. As áreas de Mata Atlântica são caracterizadas por apresentar formação vegetacional não

homogênea (Tabarelli & Mantovani 1999) com elevada riqueza de espécies arbóreo-arbustivas. Ademais, apresenta grande diversidade de habitats em altitude que variam desde o nível do mar até 2.900 metros, com mudanças abruptas no tipo e profundidade dos solos e na temperatura média (Leitão-Filho 1994; Mantovani 2003). A expressiva riqueza de espécies e o alto grau de endemismo na Mata Atlântica estão intimamente relacionados à sua história, em que houve períodos de conexões com a Amazônia e as florestas andinas resultando em um grande intercambio biológico, seguido de isolamento que acarretou, assim, a especiação geográfica (Silva *et al.* 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A flora de Melastomataceae do CSBC se demonstrou similar a floras de parques de conservação como Parque Nacional da Canastra e Serra de São José, e da província Sul do Espinhaço, ressaltando a importância de sua conservação. Atualmente não há nenhuma medida de conservação local, o que acaba ameaçando a biodiversidade. Estudos dessa natureza ressaltam a importância da biodiversidade de áreas de Cerrado e Mata Atlântica, servindo possivelmente como subsídio para futuras políticas de conservação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, F. F. M. (1964). Os fundamentos geológicos. A. Brasil, a terra e o homem. *Brasiliense* 1: 55-133.
- Alvares, C. A., Stape, J. L., Sentelhas, P. C., Moraes, G., Leonardo, J., & Sparovek, G. (2013). Köppen's climate classification map for Brazil. *Meteorologische Zeitschrift* 22 (6): 711-728.
<https://doi.org/10.1127/0941-2948/2013/0507>
- Alves, R. J. V. & Kolbek, J. (2010). Can campo rupestre vegetation be floristically delimited based on vascular plant genera? *Plant Ecology* 207: 67-79.
<https://doi.org/10.1007/s11258-009-9654-8>
- Alves, R. J. V. (1992). The flora & Vegetation of the Serra de São José in Minas Gerais, Brazil. Botanical Institute, Czechoslovak Academy of Sciences 1-70.
- Andrade, E. A. (2013). Composição florística e estrutura da vegetação de campo rupestre sobre quartzito no Complexo Serra da Bocaina-MG. Tese (Doutorado em Ecologia Aplicada), Universidade Federal de Lavras. Lavras, Minas Gerais.
- Antonelli, A. & Sanmartín, I. (2011). Why are there so many plant species in the Neotropics? *Taxon* 60: 403-414.
<https://doi.org/10.1002/tax.602010>
- Araújo, I. M. (2013). Melastomataceae no Parque Estadual do Biribiri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil: tratamento sistemático e comparação florística. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal), Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Arruda, I. A. C. (2017). A Singularidade Florística dos Campos Rupestres sensu stricto no Município de Itutinga, MG. Dissertação (mestrado em Botânica Aplicada), Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.

Bacci, L. F., Amorim, A. M., & Goldenberg, R. (2016). Three new species of *Bertolonia* (Melastomataceae) from Espírito Santo, Brazil. *Peer J*, 4:e2822.

<https://doi.org/10.7717/peerj.2822>

Baumgratz J. F. A., Souza, M. L., Martins, A. B., Lughaddha, E. N., Woodgyer, E. M. (1995). Melastomataceae In: Stannard, B. L. (Ed.). *Flora of Pico das Almas: Chapada Diamantina - Bahia, Brazil*. Kew: Royal Botanic Gardens, pp. 433-483.

Baumgratz, J. F. A. (2000). Two new species of *Huberia* (Melastomataceae: Merianieae) from Brazil. *Brittonia*, 52(1): 24-33.

<https://doi.org/10.2307/2666491>

Baumgratz, J. F. A., Caddah, M. K., Chiavegatto, B., Goldenberg, R., Guimarães, P. J. F., Koschnitzke, C., Kriebel, R., Lima, L. F. G., Martins, A. B., Michelangeli, F. A., Reginato, M., Rocha, M. J. R., Rodrigues, K. F., Romero, R., Rosa, P., Silva-Gonçalves, K. C., Souza, M. L. D. R., Woodgyer, E. (2015) Melastomataceae in *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB161>>. Acesso: 03 de fevereiro de 2020.

Baumgratz, J. F. A., Souza, M. L. D., Carraça, D. C., & Abbas, B. D. A. (2006). Melastomataceae na Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro, Brasil: aspectos florísticos e taxonômicos. *Rodriguésia* 57(3): 591-646.

<https://doi.org/10.1590/2175-7860200657313>

Brandon, K., Fonseca, G. D., Rylands, A. B., Silva, J. D. (2005). Conservação brasileira: desafios e oportunidades. *Megadiversidade* 1(1): 7-13.

Camargo, E. A., & Goldenberg, R. (2011). Two new species of *Leandra* from Espírito Santo, Brazil. *Brittonia* 63(2): 220-226.

<https://doi.org/10.1007/s12228-010-9154-0>

Candido, C.P. A família Melastomataceae na Serra do Cabral-MG: Tribos Melastomeae, Merianieae e Miconieae. (2005). *Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal)* Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

- Carvalho-Silva, M. & Guimarães, E. F. (2009). Piperaceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 27: 235-245.
- <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v27i2p235-245>
- Cavalcanti, B. C. M. (2016). Avaliação da diversidade de Eriocaulaceae Martinov nas serras do Complexo da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais, Brasil. Monografia, Universidade Federal de Lavras.
- Chiavegatto, B. & Baumgratz, J. F. A. (2007). A família Melastomataceae nas formações campestres do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 25(2): 195-226.
- <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v25i2p195-226>
- Clarke, K. R. (1993). Non-parametric multivariate analyses of changes in community structure. *Austral ecology* 18(1): 117-143.
- <https://doi.org/10.1111/j.1442-9993.1993.tb00438.x>
- Clarke, K. R. Warwick, R. (1993). Environmental effects on benthic communities. Training Workshop on Multivariate Analysis of Benthic Community Data. Lecture Notes for SEAS/EPOSII Workshop, Plymouth Marine Laboratory 1-144.
- Clausing, G. & Renner, S. S. (2001). Molecular phylogenetics of Melastomataceae and Memecylaceae: implications for character evolution. *American Journal of Botany* 88(3): 486-498.
- <https://doi.org/10.2307/2657114>
- Colli-Silva, M., Vasconcelos, T. N., & Pirani, J. R. (2019). Outstanding plant endemism levels strongly support the recognition of campo rupestre provinces in mountaintops of eastern South America. *Journal of Biogeography* 46(8): 1723-1733.
- <https://doi.org/10.1111/jbi.13585>

- Conceição, A. A., Rapini, A., Carmo, F. F., Brito, J. C., Silva, G. A., Neves, S. P. S., & Jacobi, C. M. (2016). Rupestrian grassland vegetation, diversity and origin. In G. W. Fernandes (Ed.), *Ecology and conservation of mountain top grasslands in Brazil Switzerland*: Springer 105-12.
https://doi.org/10.1007/978-3-319-29808-5_6
- Costa, L.P. (2003) The historical bridge between the Amazon and Atlantic Floresta f Brazil: study of molecular phylogeography with small mammals. *Jornal of Biogeography* 30: 71- 86.
<https://doi.org/10.1046/j.1365-2699.2003.00792.x>
- Coutinho, L. M. (1978). O conceito de bioma. *Revista Brasileira de Botânica* 1(1): 17-23.
- Coutinho, L. M. (2006). O conceito de bioma. *Acta botanica brasílica*, 20(1): 13-23.
<https://doi.org/10.1590/S0102-33062006000100002>
- Curi, N., Lima, J. M., Andrade, H., & Gualberto, V. (1990). Geomorfologia, física, química e mineralogia dos principais solos da região de Lavras (MG). *Ciência e Prática* 14(2): 297-307.
- Dalanesi, P. E., Oliveira-Filho, A. T. D., & Fontes, M. A. L. (2004). Flora e estrutura do componente arbóreo da floresta do Parque Ecológico Quedas do Rio Bonito, Lavras, MG, e correlações entre a distribuição das espécies e variáveis ambientais. *Acta botanica brasílica* 18(4): 737-757.
<https://doi.org/10.1590/S0102-33062004000400005>
- Danni, J. C. M., Dardenne, M. A., Fuck, R. A., & Ribeiro, M. J. (1973). Geologia da Extremidade Sudoeste da Serra Dourada (Goiás, Brasil). *Revista Brasileira de Geociências* 3(3): 160-180.
<https://doi.org/10.25249/0375-7536.1973160180>
- Drummond, G. M., Martins, C. S., Machado, A. M., Sebaio, F. A., Antonini, Y. O. (2005). Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas 2: 1- 94.

- Drummond, R. A. R., Alves, R. J. V. & Koschnitzke, C. (2007). Melastomataceae da Serra de São José, Minas Gerais. *Revista de Biologia Neotropical* 4(1): 1-12.
<https://doi.org/10.5216/rbn.v4i1.4648>
- Echternacht, L., Trovó, M., Oliveira, C. T., & Pirani, J. R. (2011). Areas of endemism in the Espinhaço Range in Minas Gerais, Brazil. *Flora - Morphology, Distribution, Functional Ecology of Plants* 206: 782-791.
<https://doi.org/10.1016/j.flora.2011.04.003>
- Eiten, G. (1994). Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas. *UnB: SEMATEC* 1: 17-73.
- Farinaccio, M.A. & Mello-Silva, R. (2004). Asclepiadoideae (Apocynaceae) do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 22: 53-92.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v22i1p53-92>
- Feliciano, E. A. (2008). Solanaceae A. Juss. da Serra Negra, Rio Preto, Minas Gerais: tratamento taxonômico e similaridade florística. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada ao Manejo e Conservação de Recursos Naturais). Juiz de Fora, Minas Gerais.
- Fernandes, A. (2003). Conexões florística do Brasil. *Banco do Nordeste* 1: 1-134.
- Fiaschi, P., & Pirani, J. R. (2009). Review of plant biogeographic studies in Brazil. *Journal of Systematics and Evolution* 47(5): 477-496.
<https://doi.org/10.1111/j.1759-6831.2009.00046.x>
- Fidanza, K., Martins, A. B. & Almeda, F. (2013). Four new species of *Trembleya* (Melastomataceae: Microlicieae) from Serra do Cabral, Minas Gerais, Brazil. *Brittonia* 65(3): 280-291.
<https://doi.org/10.1007/s12228-012-9281-x>
- Fidanza, K. & Martins A.B. (2014). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais. Disponível em: <http://serradocipo.ib.usp.br/>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.

- Fidanza, K., Martins A.B., Meyer F. S. (2014). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais. Disponível em: <<http://serradocipo.ib.usp.br/angiosperma/264-melastomataceae/2451-melastomataceae.htm>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- Filardi, F. L. R., Garcia, F. C. P., Dutra, V. F. & São-Thiago, P. S. (2007). Papilionoideae (Leguminosae) do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Hoehnea* 34: 383-408.
<https://doi.org/10.1590/S2236-89062007000300008>
- Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>> Acesso: 03 de fevereiro de 2020.
- Forzza R. C., Baumgratz J. F. A., Bicudo C. E. M., Canhos D. A. L., Carvalho A. A., Coelho M. A. N., Costa A. F., Costa D. P., Hopkins M. G., Leitman P. M., Lohmann L. G., Lughadha E. N., Maia L. C., Martinelli G., Menezes M., Morim M. P., Peixoto A. L., Pirani J. R., Prado J., Queiroz L. P., Souza S., Souza V. C., Stehmann J. R., Sylvestre L. S., Walter B. M. T. & Zappi D. C., New Brazilian Floristic List Highlights Conservation Challenges (2012), *BioScience Issue 1* (62): 39-45.
<https://doi.org/10.1525/bio.2012.62.1.8>
- Françoso R.D., Brandão R., Nogueira C.C., Salmons, Y. B., Machado, R. B. & Colli (2015). Habitat loss and the effectiveness of protected areas in the Cerrado biodiversity hotspot. *Nature Conservation* 13:35-40.
<https://doi.org/10.1016/j.ncon.2015.04.001>
- Françoso, R. D., Dexter, K. G., Machado, R. B., Pennington, R. T., Pinto, J. R., Brandão, R. A., & Ratter, J. A. (2019). Delimiting floristic biogeographic districts in the Cerrado and assessing their conservation status. *Biodiversity and Conservation*, Pp1-24.
<https://doi.org/10.1007/s10531-019-01819-3>
- Freitas, J. G., Santos, A. K. A., Guimarães, P. J. F., & Oliveira, R. P. (2013). A new and unusual species of *Tibouchina* (Melastomataceae) occurring in Caatinga vegetation in Bahia, Brazil. *Systematic Botany* 38 (2): 418-423.
<https://doi.org/10.1600/036364413X666741>

- Freitas, M. S. (2018). Flora e Biogeografia de Eriocaulaceae da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. Dissertação (mestrado em Biologia Vegetal) Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Gavilanes, M. L. & Brandão, M. (1991). Flórula da reserva biológica municipal do Poço Bonito, Lavras, MG: I., formação cerrado. *Daphne* 1: 24-31.
- Gavilanes, M. L., Brandão, M., Oliveira Filho, A. D., Almeida, R. D., Mello, J. D. & Avezum, F. F. (1992). Florula da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras MG: 3. Formação florestal. *Daphne* 2 (3): 14-26.
- Giulietti, A. M. & Pirani, J. R. (1988). Patterns of Geographic Distribution of some Plant Species from the Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. *Proceedings of a Workshop on Neotropical Biodiversity Distribution Patterns* 39-69.
- Giulietti, A. M., Menezes, N. D., Pirani, J. R., Meguro, M. & Wanderley, M. G. L. (1987). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: caracterização e lista das espécies. *Boletim de Botânica* 9: 1-151.
- <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v9i0p1-151>
- Giulietti, A. M., Pirani, J. R. & Harley, R. M. (1997). Espinhaço Range region, eastern Brazil. In *Centres of plant diversity: a guide and strategy for their conservation* (S.D. Davis, V.H. Heywood, O. Herrera-MacBryde, J. Villa-Lobos & A.C. Hamilton, eds.). Information Press, Oxford. 3: 397-404.
- Goldenberg, R. (1999). A new species of *Miconia* Ruiz & Pavon (Melastomataceae) from Espírito Santo, Brazil. *Novon* 9: 514-516.
- <https://doi.org/10.2307/3392152>
- Goldenberg, R. (2014). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais. Disponível em: <<http://serradocipo.ib.usp.br/angiosperma/264-melastomataceae/2451-melastomataceae.htm>> . Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.

- Goldenberg, R., Almeida, F., Caddah, M. K., Martins, A. B., Meirelles, J., Michelangeli, F. A. & Weiss, M. (2013). Nomenclator botanicus for the neotropical genus *Miconia* (Melastomataceae: Miconieae). *Phytotaxa* 106: 1-171.
<https://doi.org/10.11646/phytotaxa.106.1.1>
- Goldenberg, R., Baumgratz J. F. A., & Souza M. L. D. E. R. (2012). Taxonomia de Melastomataceae no Brasil: retrospectiva, perspectivas e chave de identificação para os gêneros. *Rodriguésia* 63(1): 145-161.
<https://doi.org/10.1590/S2175-78602012000100011>
- Goldenberg, R. & Caddah, M. K. (2015). *Miconia* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB9668>>. Acesso 21 de novembro de 2019.
- Goldenberg, R. & Kollmann, L. J. (2010). A new species of *Miconia* (Melastomataceae: Miconieae) from Espírito Santo, Brazil. *Blumea-Biodiversity, Evolution and Biogeography of Plants* 55(2): 139-142.
<https://doi.org/10.3767/000651910X526708>
- Goldenberg, R., & Kollmann, L. J. (2016). Two new species of *Pleroma* (Melastomataceae) from Espírito Santo, Brazil. *Brittonia* 68 (1): 37-45.
<https://doi.org/10.1007/s12228-015-9390-4>
- Goldenberg R. & Reginato M. (2014). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais. Disponível em:
<<http://serradocipo.ib.usp.br/angiosperma/264-melastomataceae/2451-melastomataceae.htm>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- Goldenberg, R., & Reginato, M. (2009). New species of *Behuria*, *Miconia*, and *Ossaea* (Melastomataceae) from Eastern Brazil. *The Journal of the Torrey Botanical Society* 136 (3): 293-302.
<https://doi.org/10.3159/09-RA-019.1>
- Goldenberg, R., & Reginato, M. (2007). Three new species of Melastomataceae from the Southeastern Atlantic Forest of Brazil. *Brittonia* 59(4): 334-342.
[https://doi.org/10.1663/0007-196X\(2007\)59\[334:TNSOMF\]2.0.CO;2](https://doi.org/10.1663/0007-196X(2007)59[334:TNSOMF]2.0.CO;2)

- Goldenberg, R., & Reginato, M. (2006). Sinopse da família Melastomataceae na Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa, Espírito Santo. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão* 20(1): 33-58.
- Goncalves, D. J. P., Yamamoto, K., & Romero, R. (2014). Vochysiaceae no Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia* 64(4): 863-875.
<https://doi.org/10.1590/S2175-78602013000400014>
- Guedes, M. L. S. & Orge, M. D. R. (1998). Checklist das espécies vasculares de Morro do Pai Inácio (Palmeiras) e Serra da Chapadinha (Lençóis). Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1-67
- Guimarães, P. J. F. (1997). Estudos taxonômicos de *Tibouchina* sect. *Pleroma* (D. Don) Cogn. (Melastomataceae). Tese (Doutorado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, São Paulo.
<https://doi.org/10.1590/S0100-84041997000100002>
- Guimarães, P. J. F., & Freitas, J. G. (2015). Two new species of *Pleroma* (Melastomataceae) from Brazil. *Systematic Botany* 40 (2): 553-560.
<https://doi.org/10.1600/036364415X688736>
- Guimarães, P. J. F., & Goldenberg, R. (2001). A new species of *Tibouchina* Aubl. (Melastomataceae) from Espírito Santo, Brazil. *Kew Bulletin* 56 (4): 989-993.
<https://doi.org/10.2307/4119311>
- Guimarães, P. J. F., & Martins, A. B. (1997). *Tibouchina* sect. *Pleroma* (D. Don) Cogn. (Melastomataceae) no estado de São Paulo. *Brazilian Journal of Botany* 20 (1): 11-33.
<https://doi.org/10.1590/S0100-84041997000100002>
- Guimarães, P. J. F., Michelangeli, F. A., Sosa K. & Gómez, J. R. S. (2019). Systematics of *Tibouchina* and allies (Melastomataceae: Melastomataceae): A new taxonomic classification. *Taxon* 1: 1-66.

- Harley R. M. (1995). Introduction. In: Stannard B. L., Flora of the Pico das Almas, Chapada Diamantina, Bahia. Royal Botanic Gardens 1-40.
- Harley, R. M. & Simmons, N. A. (1986). Florula of Mucuge. Chapada Diamantina, Bahia, Brazil: A descriptive checklist of a campo rupestre area. Royal Botanic Gardens 1: 1-227.
- Hemsling, P. K. B. & Romero, R. (2010). Chrysobalanaceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia* 61: 281-288.
<https://doi.org/10.1590/2175-7860201061210>
- Hemsling, P. K. B. (2018). Melastomataceae da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- Holland, M. M., Risser, P. G. (1991). Ecotones: The role of landscape boundaries in the management and restoration of changing environments: introduction. Springer 1-7.
https://doi.org/10.1007/978-1-4615-9686-8_1
- Iglesias, D. T., & Dutra, V. F. (2017). Melastomataceae na Área de Proteção Ambiental Mestre Álvaro, Serra, Espírito Santo, Brasil. *Rodriguésia* 68 (5): 1921-1937.
<https://doi.org/10.1590/2175-7860201768524>
- INCT- Herbário Virtual da Flora e dos Fungos. Disponível em: <<http://inct.splink.org.br/>> Acesso: 13 de abril de 2019.
- Justino, L. L. (2016). Melastomataceae A. Juss. da Serra Negra, Minas Gerais: tratamento taxonômico, distribuição nas fitofisionomias e similaridade florística. Dissertação (Mestrado em Ecologia e manejo e conservação de recursos naturais). Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.
- Kinoshita, L. S., Martins, A. B., & Bernardo, K. F. R. (2007). As Melastomataceae do município de Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil. *Hoehnea* 34 (4): 447-480.
<https://doi.org/10.1590/S2236-89062007000400003>

Klink, C. A., Machado, R. B. (2005). Conservation of the Brazilian cerrado. *Conservation biology* 19 (3): 707-713.

<https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2005.00702.x>

Koschnitzke, C. (1997). Revisão taxonômica do gênero *Chaetostoma* DC. (Microlicieae-Melastomataceae). Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, São Paulo.

Leitão Filho, H. F. 1994. Diversidade de espécies arbóreas na Mata Atlântica. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 66: 91-96.

Lima, L. P. Z., Louzada L., Carvalho, L. M. T. & Scolforo J. R S. (2011). Análise da vulnerabilidade natural para implantação de unidades de conservação na microrregião da serra de Carrancas, MG. *Cerne* 7(2): 151-159.

<https://doi.org/10.1590/S0104-77602011000200002>

de Lima, R. A. F., Dittrich, V. D. O., de Souza, V. C., Salino, A., Breier, T. B., & de Aguiar, O. T. (2011). Vascular flora of the Carlos Botelho State Park, São Paulo, Brazil. *Biota Neotropica*, 11(4), 173-214.

<https://doi.org/10.1590/S1676-06032011000400018>

Machado, A. I. M. R. (2013). Melastomataceae do Parque Estadual da Serra Dourada, Goiás. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Federal de Uberlândia.

Mantel, N. (1967). The detection of disease clustering and a generalized regression approach. *Cancer research* 27 (2): 209-220.

Mantel, N. & Valand, R. S. (1970). A technique of nonparametric multivariate analysis. *Biometrics*. Pp. 547-558.

<https://doi.org/10.2307/2529108>

Mantovani, W. (2003). A degradação dos biomas brasileiros. *Patrimônio ambiental brasileiro*. Editora Universidade de São Paulo, São Paulo. Pp. 367- 439.

- Martinelli, G., Messina, T. & Santos - Filho, L. (2014). Livro vermelho da flora do Brasil, Plantas raras do Cerrado. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1): 1-332.
- Martinelli, G. & Moraes, M. A. (2013). Livro vermelho da flora do Brasil. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1): 1-1100.
- Martins, A. B. (1989). Revisão taxonômica do gênero *Marcetia* DC. (Melastomataceae). Tese (Doutorado em Biologia Vegetal), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Martins, A. B., & Almeda, F. (2017). A monograph of the Brazilian endemic genus *Lavoisiera* (Melastomataceae: Microlicieae). *Phytotaxa*, 315(1): 1-194.
<https://doi.org/10.11646/phytotaxa.315.1.1>
- Martins, A. B., Goldenberg, R., Semir, J. (2009). Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais: Melastomataceae. *Boletim de Botânica* 27: 73-96.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v27i1p73-96>
- Martins, E. (1997). Revisão taxonômica do gênero *Trembleya* DC. (Melastomataceae). Tese (Doutorado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Martins, K. P. V. (2017). Os campos rupestres do Campo das Vertentes, Minas Gerais, Brasil: Eupatorieae (Asteraceae). Dissertação (Mestrado em Botânica Aplicada), Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais
- Matsumoto, K. & Martins, A. B. (2005). Melastomataceae nas formações campestres do município de Carrancas, Minas Gerais. *Hoehnea* 32 (3): 389-420.
- Meirelles, J., & Goldenberg, R. (2012). Melastomataceae do Parque Estadual do Forno Grande, Espírito Santo, Brasil. *Rodriguésia* 63 (4): 831-855.
<https://doi.org/10.1590/S2175-78602012000400008>

- Meirelles, J., Kollmann, L. J. C., & Goldenberg, R. (2012). *Tibouchina tedescoi*: a new species in *Tibouchina* sect. *Pleroma* (Melastomataceae) from Espírito Santo, Brazil. *Kew Bulletin* 67 (3): 461-465.
- <https://doi.org/10.1007/s12225-012-9375-3>
- Mendonça, R. C., Felfili, J. M., Walter, B. M. T., Silva Júnior, M. C., Rezende, A. V., Filgueiras, T. S. & Nogueira, P.E. (1998). A flora vascular do cerrado. Cerrado - ambiente e flora. EMBRAPA. Pp. 279-556.
- Meyer, F. S., Goldenberg, R., & Kollmann, L. J. (2016). Three new species of *Pleroma* (Melastomataceae) from inselbergs of Espírito Santo, Brazil. *Phytotaxa* 282 (3): 197-210.
- <https://doi.org/10.11646/phytotaxa.282.3.3>
- Michelangeli, F. A., Goldenberg, R., Almeda, F., Judd, W. S., Bécquer, E. R., Ocampo, G., Ionta, G.M., Skeeaa Jr, J.D, Majure, L.C. & Penneys, D. S. (2019). Nomenclatural novelties in *Miconia* (Melastomataceae: Miconieae). *Brittonia* 71 (1): 82-121.
- <https://doi.org/10.1007/s12228-018-9546-0>
- Michelangeli, F. A. & Reginato, M. (2015). *Clidemia* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB9452>>. Acesso: 21 de novembro de 2019.
- Mittermeier, R. A., Gil, P. R., Hoffmann, M., Pilgrim, J., Brooks T, Lamoreux, J., & Da Fonseca, G. A. B. (2004). Hotspots Revisted: Earth's Biologically Wealthiest and most Threatened Ecosystems. Pp. 99-103.
- Moreira, A. A. N. (1977). Geografia do Brasil: Região Centro-oeste. Fundação IBGE 4: 1-34.
- Morokawa, R., Simões, A. O. & Kinoshita, L. S. (2013). Apocynaceae s.str. do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia* 64: 179-199.
- <https://doi.org/10.1590/S2175-78602013000100015>

- Munhoz, C. B. R. & Proença, C. E. B. (1998). Composição florística do município de Alto Paraíso de Goiás na Chapada dos Veadeiros. *Boletim do Herbário Ezechias Paulo Heringer* 3:102-150.
- Murphy, P. G. & Lugo, E. A. (1986). Ecology of tropical dry forests. *Annual review of Ecology & Systematics* 17: 67-88.
<https://doi.org/10.1146/annurev.es.17.110186.000435>
- Myers, N., Mittermeier, R. A., Mittermeier, C. G., Da Fonseca, G. A. & Kent, J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403 (6772): 853- 858.
<https://doi.org/10.1038/35002501>
- Nakajima, J. N. A família Asteraceae no Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. (2000). Tese (Doutorado em Biologia Vegetal), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
<https://doi.org/10.1590/S0100-84042001000400013>
- Nakajima, J.N. & Semir, J. (2001). Asteraceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 24: 471-478.
<https://doi.org/10.1590/S0100-84042001000400013>
- Neres, D.O.D. (2016). A tribo Microlicieae Triana (Melastomataceae) no Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, Goiás, Brasil. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Vegetal). Universidade Federal de Goiás.
- Neto, M. D. C. C., Basei, M. A. S., Vlach, S. R. F., Caby, R., Szabó, G. A. J. & Vasconcelos, P. (2004). Migração de orógenos e superposição de orogêneses: um esboço da colagem Brasileira no sul do Cráton do São Francisco, SE-Brasil. *Geologia USP. Série Científica* 4(1): 13-40.
<https://doi.org/10.5327/S1519-874X2004000100002>
- Neto, R. M. (2012). As paisagens quartzíticas do planalto do alto Rio Grande: relações entre rocha-relevo-solo-vegetação na Serra de Carrancas (MG). *Caminhos de Geografia* 13 (41): 263-281.

Nogueira, E. M., Nelson, B. W., Fearnside, P. M., França, M. B. & Oliveira, C. A. (2008). Tree height in Brazil's 'arc of deforestation': Shorter trees in south and southwest Amazonia imply lower biomass. *Forest Ecology and Management* 255: 2963-2972.

<https://doi.org/10.1016/j.foreco.2008.02.002>

Odum E. P. (1971) *Fundamentals of ecology*. W. B. Saunders. 3: 1-574.

Oksanen, J.; Blanchet, F.G.; Kindt, R.; Legendre, P.; O'Hara, R.G.; Simpson, G.L.; Solymos, P.; Henry, M.; Stevens, H. & Wagner, H. (2010). *Vegan: Community Ecology Package*. R package version 1.17-0. Disponível em: < <https://cran.r-project.org/web/packages/vegan/index.html>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.

Oliveira-Filho, A. T., Carvalho, D. A., M. A. L., van den Berg, E., Curi, N. & Carvalho, W. A. C. (2004). Variações estruturais do compartimento arbóreo de uma floresta semidecídua alto montana na Chapada dos Perdizes, Carrancas MG. *Revista Brasileira de Botânica* 27 (2): 291-309.

<https://doi.org/10.1590/S0100-84042004000200009>

Oliveira-Filho, A. T. & Fluminhan-Filho, M. (1999). Ecologia da vegetação do Parque Florestal Quedas do Rio Bonito. *Cerne* 5 (2): 51-64.

Pacífico, R. B. (2017). A tribo Microlicieae (Melastomataceae) na Serra do Cipó, MG, Brasil. Dissertação (Mestrado em Biologia das Interações Orgânicas). Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

Pataro, L., Romero, R., & Roque, N. (2017). Microlicieae (Melastomataceae) do município de Mucugê, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Rodriguésia* 68 (4): 1287-1311.

<https://doi.org/10.1590/2175-7860201768412>

Pataro, L., Romero, R., & Roque, N. (2013). Four new species of Microlicia (Melastomataceae) from Chapada Diamantina, Bahia, Brazil. *Kew Bulletin* 68 (2): 285-293.

<https://doi.org/10.1007/s12225-013-9448-y>

- Pirani, J. R., Mello-Silva, R. D., & Giuliatti, A. M. (2003). Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais, Brasil. *Boletim de Botânica* 21(1): 1-24.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v21i1p1-24>
- Pirani, J. R., Sano, P. T., Mello-Silva, R., Menezes, N. L., Giuliatti, A. M., Zappi, D. C. & Jono, V. Y. (2015). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais. Disponível em: <http://serradocipo.ib.usp.br/>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- Platnick, N. I., Nelson, G. (2008). A method of analysis for historical biogeography. *Society of Systematic Biologists* 27(1): 1-16.
<https://doi.org/10.2307/2412808>
- Pontes, A.F. & Mello-Silva, R. (2005). Annonaceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 23: 71-84.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v23i1p71-84>
- R Development Core Team. 2009. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: < <https://www.r-project.org/> >. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- Rapini, A., Mello-Silva, R., & Kawasaki, M. L. (2002). Richness and endemism in Asclepiadoideae (Apocynaceae) from the Espinhaço Range of Minas Gerais, Brazil—a conservationist view. *Biodiversity & Conservation* 11 (10): 1733-1746.
- Rapini, A., Ribeiro, P. L., Lambert, S. & Pirani, J. R. (2008). A flora dos campos rupestres da Cadeia do Espinhaço. *Megadiversidade* 4: 16-24.
- Reginato, M., & Goldenberg, R. (2013). Two new species of *Leandra* s. str. (Melastomataceae) from the Atlantic Forest in Espírito Santo, Brazil. *Blumea-Biodiversity, Evolution and Biogeography of Plants* 57(3): 210-214.
<https://doi.org/10.3767/000651913X662849>
- Reis, G. H., Mansanares, M. E., Domingos, D. Q., Meireles, L. D. & Van den Berg, E. (2015). Asteraceae dos campos rupestres das Serras da Bocaina e de Carrancas, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia* 66 (3): 829-845.

<https://doi.org/10.1590/2175-7860201566311>

Renner, S. S. (1990) A revision of *Rhynchanthera* (Melastomataceae). *Nordic Journal of Botany* 9(6): 601-630.

<https://doi.org/10.1111/j.1756-1051.1990.tb00551.x>

Renner, S. S. (1993). Phylogeny and classification of the Melastomataceae and Memecylaceae. *Nordic Journal of Botany* 13(5): 519-540.

<https://doi.org/10.1111/j.1756-1051.1993.tb00096.x>

Renner, S. S. (1994). A revision of *Pterolepis* (Melastomataceae: Melastomeae). *Nordic Journal of Botany*, 14(1): 73-104.

<https://doi.org/10.1111/j.1756-1051.1994.tb00575.x>

Rezende, A. R. (2012). Sistemática e Conservação de *Miconia* seção *Miconia* DC. (Melastomataceae) no estado de Minas Gerais, Brasil. Dissertação (mestrado em Biologia Vegetal. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

Rezende, A. R., Romero, R., & Goldenberg, R. (2014). Sinopse de *Miconia* seção *Miconia* DC.(Melastomataceae) no estado de Minas Gerais, Brasil. *Bioscience Journal*, 30(1) 273- 287.

Ribeiro, J. F., Walter, B. M. T. (2008). As principais fitofisionomias do bioma Cerrado. *Cerrado: ecologia e flora* 1: 151-212.

Ribeiro, W. S. A (2017). A tribo *Astereae* Cass. (Asteraceae) no Complexo de Serras da Bocaina-Carrancas e Ouro Grosso, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Botânica Aplicada), Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.

Rocha, M. J. R., Guimarães, P. J., Michelangeli, F. A. & Batista, J. A. N. (2018). Taxonomy of *Marcetieae*: A new neotropical tribe of Melastomataceae. *International Journal of Plant Sciences* 179: 50-74.

<https://doi.org/10.1086/694932>

- Rodrigues, K. F. (2005). A tribo Microlicieae (Melastomataceae) na Serra do Cabral, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Rodrigues, K. F. (2009). Estudos taxonômicos em *Cambessedesia* DC. (Melastomataceae). Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Rolim, T. P. (2011). Melastomataceae Juss. no campo rupestre do Parque Estadual do Itacolomi, Minas Gerais, Brasil: Relações ecológicas, fitofisionômicas, padrões de distribuição geográfica e comparação florística. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.
- Romero, R. (2013). A new species of *Microlicia* (Melastomataceae) from the Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. *Phytotaxa* 88(1): 1-5.
<https://doi.org/10.11646/phytotaxa.88.1.1>
- Romero, R. (2005). A new species of *Microlicia* (Melastomataceae) from Minas Gerais, Brazil. *Novon* 15(2): 358-360.
- Romero, R. (2003). A Newly Described Species of *Microlicia* (Melastomataceae) from Minas Gerais, Brazil. *Novon* 13 (1): 116-118.
<https://doi.org/10.2307/3393575>
- Romero, R. (2000). A família Melastomataceae no Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Romero, R., & Castro, N. M. (2014). *Microlicia longicalycina* (Melastomataceae), a new species from the state of Minas Gerais, Brazil, with notes on leaf anatomy. *Systematic Botany* 39(4): 1177-1182.
<https://doi.org/10.1600/036364414X682607>
- Romero R., Martins, A.B. & Fidanza K. (2014). Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais. Disponível em: <<http://serradocipo.ib.usp.br/angiosperma/264-melastomataceae/2451-melastomataceae.htm>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.

- Romero, R., & Martins, A. B. (2003). Four new species of *Svitramia* Cham.(Melastomataceae, Melastomeae) from Minas Gerais, Brazil. *Kew Bulletin* 58(2): 403-413.
<https://doi.org/10.2307/4120623>
- Romero, R. & Martins, A. B. (2002). Melastomataceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 25(1): 14-24
<https://doi.org/10.1590/S0100-84042002000100004>
- Romero, R., Silva, K. R., & Simão, D. G. (2016). *Microlicia cogniauxiana* and *Microlicia naudiniana* (Melastomataceae), two new species from the Espinhaço Range, Brazil. *Systematic Botany* 40(4): 1012-1021.
<https://doi.org/10.1600/036364415X690058>
- Romero, R., & Versiane, A. F. A. (2014). A new species of *Microlicia* and a checklist of Melastomataceae from the mountains of Capitólio municipality, Minas Gerais, Brazil. *Phytotaxa* 170(2): 118-124.
<https://doi.org/10.11646/phytotaxa.170.2.4>
- Romero, R., & Woodgyer, E. M. (2018). Six new species of *Microlicia* (Melastomataceae) from Bahia, Brazil. *Kew Bulletin* 73(22): 1-16.
<https://doi.org/10.1007/s12225-018-9747-4>
- Romero, R., & Woodgyer, E. M. (2010). Validation of the name *Microlicia petiolulata* (Melastomataceae), a new species from the Espinhaço Range, Minas Gerais, Brazil. *Kew Bulletin* 65(1): 69-72.
<https://doi.org/10.1007/s12225-010-9182-7>
- Safford, H. D. (1999). Brazilian páramos I. An introduction to the physical environment and vegetation of the campos de altitude. *Journal of Biogeography* 26: 693-712.
<https://doi.org/10.1046/j.1365-2699.1999.00313.x>

- Santos, A. K. A. & Silva, T. R. S. (2005). A família Melastomataceae no município de Rio de Contas, Bahia, Brasil. *Sitientibus Série Ciências Biológicas* 5 (2): 76-92.
- Scudeller, V.V. (2004). Bignoniaceae Juss. no Parque Nacional da Serra da Canastra - Minas Gerais, Brasil. *Iheringia, série Botânica* 59: 59-73.
- Seco R. C (2006). Estudos taxonômicos do gênero *Comolia* DC. (Melastomataceae - Melastomeae) no Brasil. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, São Paulo.
- Semir, J., Martins, A. B., Chiea, S. C., Giulietti, A. M., Menezes, N. L. , Pirani, J. R., Meguro, M. & Wanderley, M. G. L. (1987). Melastomataceae. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: caracterização e lista das espécies. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 9: 72-78.
- <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v9i0p1-151>
- Silva, J. M. C., M. C. Sousa & Castelletti, C. H. M. (2004). Areas of endemism for passerine birds in the Atlantic Forest. *Global Ecology and Biogeography* 13: 85-92.
- <https://doi.org/10.1111/j.1466-882X.2004.00077.x>
- Silva, M. F. O. D., Andreato, R. H. P., & Guimarães, P. J. F. (2013). Melastomataceae do Parque Estadual da Pedra Branca, Rio de Janeiro, Brasil. *Hoehnea* 40(4): 679-700.
- <https://doi.org/10.1590/S2236-89062013000400009>
- Silva, M. A.D.O., & Romero, R. (2008). Melastomataceae das serras do município de Delfinópolis, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia* 59(4): 609-647.
- <https://doi.org/10.1590/2175-7860200859401>
- Silveira, M.F. 2010. Rubiaceae-Rubioideae Verdc. do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Simões, A. O. & Kinoshita, L. S. (2002). The Apocynaceae s. str. of the Carrancas region, Minas Gerais, Brazil. *Darwiniana* 40(1-4): 127-169.

- Tabarelli, M., & Mantovani, W. (1999). A regeneração de uma floresta tropical montana após corte e queima (São Paulo-Brasil). *Revista Brasileira de Biologia* 59(2): 239-250.
<https://doi.org/10.1590/S0034-71081999000200008>
- Tabarelli, M., Pinto, L. P., Silva, J. M. C., Hirota, M. M., & Bedê, L. C. (2005). Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. *Megadiversidade* 1(1): 132-138.
- Thiers, B. (continuamente atualizado) Index Herbariorum: A global directory of public herbaria and associated staff. New York Botanical Garden's Virtual Herbarium.
- Tilman, D. (1994). Competition and biodiversity in spatially structured habitats. *Ecology* 75: 2-16.
<https://doi.org/10.2307/1939377>
- Versiane, A. F. A., Santos, M. L. D., & Romero, R. (2016). Melastomataceae da Serra dos Pirineus, Goiás, Brasil. *Rodriguésia* 67(3): 721-759.
<https://doi.org/10.1590/2175-7860201667314>
- Volpi, R.L. (2006). Malpighiaceae no Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Woodgyer, E. M., & Zappi, D. C. (2005). Two New Species of *Microlicia* D. Don (Melastomataceae) from Catolés, Bahia, NE Brazil. *Kew Bulletin* 60(3): 435-440. Zappi, D. C., Lucas, E., Stannard, B. L., Lughadha, E. N., Pirani, J. R., Queiroz, L. P., Atkins, S., Hind, D. J. N., Giulietti, A. M., Harley, R. M. & Carvalho, A. M. (2003). Lista das Plantas Vasculares de Catolés, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 21: 345-398.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v21i2p345-398>

ANEXOS

Anexo 1. Matriz de ausência (0) e presença (1) das espécies de Melastomataceae ocorrentes nas 25 áreas analisadas dos estados da Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Catolés - Bahia (CA); Pico das Almas – Bahia (PA); Rio de Contas - Bahia (RC); Mucugê – Bahia (MC); Chapada dos Veadeiros – Goiás (CV); Serra dos Pirineus – Goiás (PI); Serra Dourada – Goiás (SD); Complexo de Serras da Bocaina e de Carrancas – Minas Gerais (CB); Parque Nacional da Serra da Canastra – Minas Gerais (CN); Serra de São José – Minas Gerais (SJ); Grão-Mogol – Minas Gerais (GR); Parque Estadual do Biribiri – Minas Gerais (BI); Parque Estadual do Ibitipoca – Minas Gerais (IB); Parque Estadual do Itacolomi – Minas Gerais (IT); Serra de Ouro Branco – Minas Gerais (OB); Serra do Cabral – Minas Gerais (CA) ; Serra do Cipó – Minas Gerais (CI); Área de Proteção Ambiental Mestre Álvaro – Espírito Santo (AP); Estação Biológica Santa Lúcia , Santa Teresa – Espírito Santo (SL); Parque Estadual do Forno Grande – Espírito Santo (FG); Poços de Caldas – Minas Gerais (PO); Serra Negra – Minas Gerais (SN); Parque Estadual da Pedra Branca – Rio de Janeiro (PE); 25- Reserva Biológica do Poço das Antas – Rio de Janeiro (RB), Parque Estadual Carlos Botelho – São Paulo (CT).

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Aciotis paludosa</i> (Mart. ex DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1
<i>Acisanthera genliseoides</i> (Hoehe) Wurdack	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Acisanthera uniflora</i> (Vahl) Gleason	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Acisanthera variabilis</i> (Naud.) Triana	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Behuria parvifolia</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Behuria glutinosa</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Behuria mestrealvarensis</i> D.T.Iglesias & R.Goldenb	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Bertolonia acuminata</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Bertolonia mosenii</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Bertolonia ruschiana</i> Bacci & R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Cambessedesdia cambessedesioides</i> (Wurdack) A.B.Martins	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesdia corymbosa</i> Mart. & Schrank ex DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesdia eichleri</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesdia espora</i> (A.St.-Hil. ex Bonpl.) DC.	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesdia gracilis</i> Wurdack	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Cambessedesia harleyi</i> Wurdack	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia hermogenesii</i> A.B.Martins	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia hilariana</i> (Kunth) DC	1	1	1	1	0	1	0	1	0	1	1	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Cambessedesia latevenosa</i> Mart. ex DC.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia membranacea</i> Gardner	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia purpurata</i> Schrank & Mart. ex DC.	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia regnelliana</i> Cogn.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia rupestris</i> A.B.Martins	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia salviifolia</i> (Cham.) A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia semidecandra</i> A.St.-Hil. ex A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia tenuis</i> Markgr.	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia tiradentensis</i> R.J.V.Alves et al.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia weddelli</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Cambessedesia wurdackii</i> A.B.Martins	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetogastra cerastifolia</i> (Naudin) P.J.F.Guim.&Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1
<i>Chaetogastra clinopodifolia</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Chaetogastra gracilis</i> (Bonpl.) DC.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	1	1
<i>Chaetogastra herbacea</i> (DC.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetogastra hieracioides</i> Schrank et Mart. ex. DC.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetogastra minor</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetogastra sebastianopolitana</i> (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0
<i>Chaetostoma albiflorum</i> (Naudin) Koschn. & A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetostoma armatum</i> (Spreng.) Cogn.	0	1	1	0	1	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetostoma cupressinum</i> (D.Don) Koschn. & A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Chaetostoma fastigiatum</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetostoma flavum</i> Koschn. & A.B.Martins	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetostoma scoparium</i> Cogn.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Chaetostoma stenocladon</i> (Naudin) Koschn. & A.B.Martins	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Clidemia capitellata</i> (Bonpl.) D.Don	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	1	1
<i>Clidemia octona</i> (Bonpl.) L.O.Williams	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Clidemia rubra</i> (Aubl.) Mart.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Desmoscelis villosa</i> (Aubl.) Naudin	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Dolichoura spiritusantensis</i> Brade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Fritzschia anisostemon</i> Cham.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Fritzschia edmundoi</i> (Brade) M.J.R.Rocha & P.J.F.Guim.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Fritzschia erecta</i> Cham	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Fritzschia integrifolia</i> Cham.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Fritzschia lanceiflora</i> (Mart. & Schrank ex DC.) M.J.R.Rocha & P.J.F.Guim.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Fritzschia sertularia</i> (DC.) M.J.R.Rocha & P.J.F.Guim.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Fritzschia sessilis</i> (Spreng.) M.J.R.Rocha & P.J.F.Guim.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Fritzschia furnensis</i> R.Romero & M.J.R.Rocha.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Henriettea glabra</i> (Vell.) Penneys, F.A. Michelangeli, Judd et Almeda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Henriettea saldanhae</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Huberia consimilis</i> Baumgratz	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Huberia espiritosantensis</i> Baumgratz	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Huberia nettoana</i> Brade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Huberia ovalifolia</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Huberia piranii</i> Baumgratz	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera adamantium</i> Barreto ex Pedersoli	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera alba</i> Mart. & Schrank ex DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera angustifolia</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera belinelloi</i> A. B. Martins & F. Almeda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera bradeana</i> Barreto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera canastrensis</i> Almeida & A.B Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera caryophylla</i> A.St.-Hil. ex Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera chamaepitys</i> A.St.-Hil. ex Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera cogniauxana</i> Barreto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera confertiflora</i> Rich. ex Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera cordada</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera crassifolia</i> Mart. & Schrank ex DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera frimula</i> Mart. & Schrank ex DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera gentianoides</i> Mart. & Schrank ex DC.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera glandulifera</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera grandiflora</i> A.St.-Hil. ex Naudin	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera harleyi</i> Wurdack	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera imbricata</i> (Thunb.) DC.	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0
<i>Lavoisiera macrocarpa</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera mellobarretoii</i> Markgr.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera mucorifera</i> Mart. & Schrank ex DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera nervulosa</i> Naudin	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera pulchella</i> Cham.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera pulcherrima</i> Mart. & Schrank ex DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Lavoisiera punctata</i> Mart. & Schrank ex DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera rigida</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera sampaioana</i> Barreto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera senaei</i> Schwacke	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lavoisiera subulata</i> Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Leandra amplexicaulis</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Leandra balansaei</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Leandra carassana</i> (DC.) Cogn.	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0
<i>Leandra elchleri</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Leandra fragilis</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
<i>Leandra gardneriana</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
<i>Leandra glabrata</i> (Bunbury) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Leandra glazioviana</i> Cogn	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Leandra hirta</i> Raddi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Leandra laevigata</i> (Triana) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Leandra longisetosa</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Leandra multiplinervis</i> (Naudin) Cogn	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Leandra pilonensis</i> Wurdack	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Leandra purpuracens</i> (DC.) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Leandra reflecta</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Leandra regnellii</i> (Triana) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Leandra salicina</i> (DC.) Cogn.	1	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Leandra variabilis</i> Raddi	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1
<i>Leandra warmingiana</i> Cogn	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Lithobium cordatum</i> Bong.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Macairea radula</i> (Bonpl.) DC.	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia acerosa</i> Schrank & Mart. ex DC.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia alba</i> Ule	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia canescens</i> Naudin	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia eimeariana</i> A.B.Martins & Woodgyer	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia ericoides</i> (Spreng.) O.Berg ex Cogn.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia formosa</i> Wurdack	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia harleyi</i> Wurdack	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia hatschbachii</i> A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia lanuginosa</i> Wurdack	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia luetzelburgii</i> Markgr.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia macrophylla</i> Wurdack	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia mucungensis</i> Wurdack	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia nervulosa</i> Markgr.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia nummularia</i> Markgr.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia oxycoccoides</i> Wurdack & A.B.Martins	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia pseudovelutina</i> A.B.Martins	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia semiriana</i> A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia sincorensis</i> Wurdack	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia taxifolia</i> (A.St.-Hil.) DC.	1	1	1	1	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0
<i>Marcetia velutina</i> Markgr.	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Marcetia viscida</i> Wurdack	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Meriania calophylla</i> (Cham.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Meriania clausenii</i> (Naudin) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Meriania glabra</i> (DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Meriania tetramera</i> Wurdack	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
<i>Merianthera eburnea</i> R.Goldenb. & Fraga	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Merianthera sipolisii</i> (Glaz. & Cogn.) Wurdack	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia acutiflora</i> (Naudin) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1
<i>Miconia adenothrix</i> (Cogn.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia affinis</i> DC.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	0
<i>Miconia alborufescens</i> Naudin	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia alterninervia</i> (Cogn.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia amygdaloides</i> (DC.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0
<i>Miconia angelana</i> R.Romero & R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia angyraea</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia aspera</i> (Cogn.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Miconia atlantica</i> Caddah & R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia auricoma</i> (Spring. ex Mart.)R.Goldenb.	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0
<i>Miconia australis</i> (Cham.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia baumgratziana</i> R.Goldenb. & C.V.Martin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia biserrata</i> (DC.) Michelang.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1
<i>Miconia blepharodes</i> (DC.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1
<i>Miconia brasiliensis</i> (Spreng.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Miconia brunnea</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia budlejoides</i> Triana	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0
<i>Miconia burchelli</i> Triana	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia cabraliensis</i> (Wurdack) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Miconia cabucu</i> Hoehne	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Miconia calvescens</i> DC.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0
<i>Miconia cancellata</i> (Cogn.) R.Goldenb	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia capilliflora</i> (Naudin) R.Goldenb	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0
<i>Miconia capixaba</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia caudigera</i> DC.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia chamissois</i> Naudin	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia chartacea</i> Triana	0	1	1	0	1	1	0	1	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0	1	1	0	1	0	0	0
<i>Miconia ciliata</i> (Rich.) DC.	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia cinerascens</i> Miq.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	1
<i>Miconia cipoensis</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia corallina</i> Spring	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia cristata</i> (Reginato & R.Goldenb.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia cubatanensis</i> Hoehne	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia cyathanthera</i> Triana	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia debilis</i> (Crueger) Michelang.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia dendroides</i> (Naudin) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia dentata</i> (D.Don) Michelang	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia dorsalioporosa</i> R.Goldenb. & Reginato	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia ebracteata</i> (Triana) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia elegans</i> Cogn.	0	1	1	0	1	1	0	1	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia erostrata</i> (DC.) R.Goldenb.	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia euphorbioides</i> (Naudin) R.Goldenb.,	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia fallacissima</i> (Markgr.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Miconia fallax</i> DC	0	1	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia fasciculata</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1
<i>Miconia ferruginata</i> DC.	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia flammea</i> Casar.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia heliotropoides</i> Triana	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia herpetica</i> DC.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia hirtella</i> Cogn	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Miconia holosericea</i> (L.) DC.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Miconia hypoleuca</i> (Benth.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Miconia ibaguensis</i> (Bonpl.) Triana	0	0	1	0	0	1	0	1	1	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Miconia inospicua</i> Miq.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia ionopogon</i> (Mart.) R.Goldenb	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia irwinii</i> Wurdack	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia kollmanii</i> R. Goldenb. & Reginato	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia kriegeiriana</i> Baumgratz & Chiaveg.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Miconia labiakiana</i> R.Goldenb. & C.V.Martin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia lacunosa</i> (Cogn.) R.Goldenb.	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia lanata</i> (DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia latecrenata</i> (DC.) Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Miconia leabiscoriacea</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leablanchetiana</i> R.Goldenb.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leacinnamomifolia</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leacongestiflora</i> R.Goldenb.	0	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leacordifolia</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia leacoriacea</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Miconia leadispar</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leafallax</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia leafluminensis</i> R.Goldenb.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leafoveolata</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia leagracilis</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia leahumilis</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leakleinii</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia lealancifolia</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia leaovata</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leapolychaeta</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leariedeliana</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia learigida</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia leasanguinea</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia lepidota</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0
<i>Miconia leucocarpa</i> DC.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia ligustroides</i> (DC.) Naudin	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia longicuspis</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia lutea</i> (Cogn.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia macrothyrsa</i> Benth.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia melastomoides</i> (Raddi) R.Goldenb.	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	0	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1
<i>Miconia mellina</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia michelangeliana</i> R.Goldenb. & L.Kollmann	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia minutiflora</i> (Bonpl.) DC.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia mirabilis</i> (Aubl.) L.O.Williams	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0
<i>Miconia neourceolata</i> Michelang.	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Miconia nervosa</i> (Sm.) Triana	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia nianga</i> (DC.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0
<i>Miconia octopetala</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
<i>Miconia organensis</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia paniculata</i> (DC.) Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	1
<i>Miconia paradoxa</i> (DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia paucidens</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia paulina</i> (DC.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia pennipilis</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia pepericarpa</i> DC.	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia petropolitana</i> Cogn. & Saldanha	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Miconia polyandra</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia polystachya</i> (Naudin) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia prasina</i> Wurdack	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	1	0
<i>Miconia pubescens</i> (Gleason) Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia pusiliflora</i> (DC.) Naudin	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1	1
<i>Miconia quinquentata</i> (DC.) R.Goldenb.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia quinquenodis</i> (DC.) R.Goldenb.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia racemifera</i> (DC.) Triana.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Miconia raddii</i> R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia refracta</i> (Cogn.) R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia reversa</i> (DC.) G.Ocampo & Almeda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
<i>Miconia rimalis</i> Naudin	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia robustissima</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia rubiginosa</i> (Bonpl.) DC.	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Miconia ruschiana</i> Caddah & R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia sabiaensis</i> (Brade) R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia saldanhae</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Miconia sclerophylla</i> Triana	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia sellowiana</i> Naudin	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1
<i>Miconia sericea</i> (D. Don) Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia serrulata</i> (DC.) Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Miconia staminea</i> (Desr.) DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Miconia stenostachya</i> DC.	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia suprabasalis</i> (R. Goldenb. & Reginato) R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia tentaculifera</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia tetraquetra</i> (Cham.) R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Miconia theaezans</i> (Bonpl.) Cogn.	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0	1	0	0	1
<i>Miconia tomentosa</i> (Rich.) D. Don ex DC.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Miconia trianae</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia triantha</i> (E. Camargo & R. Goldenb.) R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Miconia tristis</i> Spring.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	0	1
<i>Miconia urophylla</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia valtherii</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Miconia vesiculosa</i> (Cogn.) R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Miconia wildenowii</i> Klotzsch ex Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia xanthocoma</i> (Naudin) R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1
<i>Miconia xantholasia</i> (DC.) R. Goldenb.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Miconia xanthostachya</i> (Cogn.) R. Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Microlicia acuminata</i> Naudin	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia agrestis</i> (DC.) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia almedae</i> K. F. Rodrigues & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia amplexicaulis</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia aurea</i> Wurdack	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia avicularis</i> Mart. ex Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia baccharoides</i> (Naudin) Cogn.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia balsamifera</i> (DC.) Mart.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia cabralensis</i> K. F. Rodrigues & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia canastrensis</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia cardiophora</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia catolensis</i> Woodgyer	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia chrysantha</i> Wurdack	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia clauseniana</i> Cogn. in Mart	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia cogniauxiana</i> R. Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia comparilis</i> Wurdack	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia confertiflora</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia consimilis</i> Wurdack	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia cordata</i> (Spreng.) Cham.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia crebropunctata</i> Pilg.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia crenulata</i> (DC.) Mart.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia cryptandra</i> Naudin	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia darmizoi</i> Brade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia decipiens</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia decussata</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Microlicia elegans</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia euphorbioides</i> Mart.	0	0	0	0	1	1	0	1	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia fasciculata</i> Mart. ex Naudin	0	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia flava</i> R.Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia furnensis</i> R. Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia giuliettiana</i> A.B.Martins & Almeda	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia glazioviana</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia gracilis</i> K. F. Rodrigues & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia graveolens</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia harleyi</i> Wurdack	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia hervola</i> (Spreng.) Triana	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia hirta</i> Pataro & R. Romero	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia hirticalyx</i> R.Romero & Woodgyer	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia hispidula</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia inquinans</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia insignis</i> Schltdl.	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia intercalycina</i> Pataro & R. Romero	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia isophylla</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia isotemon</i> Wurdack	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia jungermannioides</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia juniperina</i> A.St.-Hil.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia lanceaefolia</i> K. F. Rodrigues & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia latifolia</i> D.O. Diniz-Neres & M.J. Silva	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia leucopetala</i> Wurdack	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia linifolia</i> Cham.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Microlicia longicalycina</i> R. Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia longisepala</i> (Cogn.) Almeda & A.B.Martins	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia luetzelburgii</i> Markgr.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia lutea</i> Markgr.	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia macropetala</i> Pataro & R. Romero	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia macrophylla</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia martiana</i> O.Berg ex Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia melanostagma</i> Pilg.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia microphylla</i> (Naudin) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia minima</i> Markgr.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia monticola</i> Wurdack	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia morii</i> Wurdack	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia multicaulis</i> Mart. ex Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia naudiniana</i> R. Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia neglecta</i> Cogn.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia nervosa</i> R. Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia obtusifolia</i> Cogn. ex R.Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia ordinata</i> (Wurdack) Almeda & A.B.Martins	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia pabstii</i> Brade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia parvula</i> (Markgr.) Koschnitzke & A.B.Martins	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia petiolulata</i> Cogn. ex Romero & Woodgyer	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia pinheiroi</i> Wurdack	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia plumosa</i> Woodgyer	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia polystemma</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia psammophila</i> Wurdack	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Microlicia pulchra</i> Pataro & R. Romero	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia pusilla</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia ramosa</i> Pilg.	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia regeliana</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia reichardtiana</i> Cogn. in Mart.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia riedeliana</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia scoparia</i> (A.St.-Hil.) DC.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia semiriana</i> Koschn. & A.B. Martins	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia serpyllifolia</i> D.Don	0	1	1	0	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Microlicia serrulata</i> Cham.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia sincorensis</i> (DC.) Mart.	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia stenodonoides</i> D.O. Diniz-Neres & M.J. Silva	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia subaequalis</i> Wurdack	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia subalata</i> Wurdack	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia tenuifolia</i> R. Romero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia tetrasticha</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia tomentella</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia torrendii</i> Brade	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia trembleyaeformis</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia veadeirana</i> D.O. Diniz-Neres & M.J. Silva	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia vernicosa</i> (Barreto ex Pedersoli) A.B.Martins & Almeda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia vestita</i> DC.	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia viminalis</i> (DC.) Triana	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Microlicia warmingiana</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Mouriri arborea</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0
<i>Mouriri chamissoana</i> Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Mouriri glazioviana</i> Cogn.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Mouriri guianensis</i> Aubl.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Mouriri pusa</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Ossaea angustifolia</i> (DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Ossaea confertiflora</i> (DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
<i>Pleroma aemulum</i> (Schrank et Mart ex DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma ackermannii</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma angustifolium</i> (Naudin) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma arboreum</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0
<i>Pleroma arenarium</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma bandeirae</i> P.J.F.Guim.&Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma barnebyanum</i> (Wurdack) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma bergianum</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma boraceiense</i> (Brade) P.J.F.Guim. & Justino	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Pleroma boudetii</i> (P.J.F.Guim.& R.Goldenb.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Pleroma bracteolatum</i> (J.G.Freitas, A.K.A.Santos & R.P.Oliveira) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma candolleanum</i> (Mart. ex DC.) Triana	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma canescens</i> (D.Don) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Pleroma cardinale</i> (Bonpl.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma carvalhoi</i> (Wurdack) P.J.F.Guim.&Michelang.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma castellense</i> (Brade) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Pleroma clavatum</i> (Pers.) P.J.F.Guim. & Michelang.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Pleroma clidemioides</i> Berg. ex Trianna	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Pleroma collinum</i> (Naudin) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Pleroma comosum</i> (J.G.Freitas, A.K.A.Santos & R.P. Oliveira) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma costatocalyx</i> F.S.Mey., L.Kollmann & R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Pleroma crassirame</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma dubium</i> (Cham) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma echinatum</i> Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma estrellense</i> (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	1	1	1	0
<i>Pleroma fissinervium</i> Schrank et Mart. ex DC.	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
<i>Pleroma formosum</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma fothergillae</i> (Schrank et Mat. ex DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1
<i>Pleroma fragae</i> L. Kollmann & R. Goldenb	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Pleroma frigidulum</i> (Schrank et Mart. ex DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma gaudichaudianum</i> (DC.) A. Gray	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Pleroma gertii</i> P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma granulosum</i> (Desr.) D. Don	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
<i>Pleroma heteromallum</i> D. Don (D.Don)	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0
<i>Pleroma integerrimum</i> (R.Romero & A.B.Martins) P.J.F. Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma kollmanniana</i> F.S.Mey. & R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Pleroma laevicaule</i> (Cogn. ex Wurdack)P.J.F.Guim.& Michelang.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma leopoldinensis</i> L. Kollmann & R.Goldenb.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Pleroma luetzelburgii</i> (Markgr.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma martiale</i> (Cham.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Pleroma martiusianum</i> (DC.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma mellobarretoii</i> (Brade) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma michelangelii</i> P. J. F. Guim. and J. G. Freitas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma minus</i> (R.Romero & A.B.Martins) P.J.F.Guim.& Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma mosenii</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Pleroma mutabile</i> (Vell.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Pleroma nodosum</i> (Wurdack) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma oleifolium</i> R. Romero & Versiane	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0
<i>Pleroma oreophilum</i> (Wurdack) P.J.F.Guim. & Michelang.	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma pereirae</i> (Brade & Markgr.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma petiolatum</i> (R.Romero & A.B.Martins) P.J.F. Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma raddianum</i> (DC.) Gardner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Pleroma radula</i> (Markgr.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
<i>Pleroma rigidulum</i> (Naudin) P.J.F.Guim.&Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma robustum</i> (Cogn.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma rubrobracteatum</i> (R.Romero & P.J.F.Guim.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma sellowianum</i> (Cham.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
<i>Pleroma semidecandrum</i> (Schrang et Mart. ex DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0
<i>Pleroma stenocarpum</i> (Schrang et Mart. ex DC.) Triana	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma tedescoi</i> (Meirelles, L.Kollmann & R.Goldenb.) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Pleroma trichopodium</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Pleroma trinervia</i> P. J. F. Guim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma urceolare</i> (Schrang et Mart. ex DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Pleroma ursinum</i> (Cham.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma velutinum</i> (Naudin) Triana	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma villosissimum</i> Triana	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pleroma vimineum</i> (D. Don) D. Don	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Pleroma wurdackianum</i> (R.Romero & A.B.Martins) P.J.F.Guim. & Michelang.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Poteranthera pusilla</i> Bong.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pterolepis alpestris</i> (DC.) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pterolepis cataphracta</i> (Cham.) Triana	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pterolepis glomerata</i> (Rottb.) Miq.	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Pterolepis panassiiifolia</i> (DC.) Triana	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pterolepis perpusilla</i> (Naudin) Cogn.	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pterolepis polygonoides</i> (DC.) Triana	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Pterolepis repanda</i> (DC.) Triana	0	0	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Pterolepis rotundifolia</i> Wurdack	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Rhynchanthera cordata</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Rhynchanthera dichotoma</i> (Desr.) DC.	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0
<i>Rhynchanthera gardneri</i> Naudin	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Rhynchanthera grandiflora</i> (Aubl.) DC	1	0	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Rhynchanthera hispida</i> Naudin	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Rhynchanthera novemnervia</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Salpinga margaritacea</i> (Naudin) Triana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Siphanthera arenaria</i> (DC.) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Siphanthera cordata</i> Pohl ex DC.	0	0	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Siphanthera dawsonii</i> Wurdack	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Siphanthera foliosa</i> (Naudin) Wurdack	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Siphanthera gracillima</i> (Naudin) Wurdack	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Siphanthera paludosa</i> (DC.) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Siphanthera subtilis</i> Pohl ex DC.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Sphanthera paludosa</i> (DC.) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Stenodon gracilis</i> Berg. ex Triana	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Stenodon suberosus</i> Naudin	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tibouchina aegopogon</i> (Naudin) Cogn.	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tibouchina barbigera</i> (Naudin) Baill.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tibouchina johnwurdackiana</i> Todzia	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tibouchina melastomoides</i> (Naudin) Cogn.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tibouchina nigricans</i> P. J. F. Guim., A. L. F. Oliveira & R. Romero	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tibouchina papyrus</i> (Pohl) Toledo	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tibouchina verticillaris</i> Cogn.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Tococa guianensis</i> Aubl.	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya altoparaisensis</i> R. Pacifico, Almeda & Fidanza	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya cabralena</i> K. F. Rodrigues & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya calycina</i> Cham.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya capitata</i> Cogn. Ex E. Martins & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya chamissoana</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya diffusa</i> (Cogn.) E.Martins & A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya elegans</i> (Cogn.) Almeda & A.B.Martins	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Trembleya glandulosa</i> E. Martins & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya hatschbachii</i> Wurdack & E.Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 1. Continuação.

	CA	PA	RC	MC	CV	PI	SD	CB	SJ	CN	GR	BI	IB	IT	OB	CA	CI	AP	SL	FG	PO	SN	PE	RB	CT
<i>Trembleya laniflora</i> (D.Don) Cogn.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya neopyrenaica</i> Naudin	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya parviflora</i> (D.Don) Cogn.	1	1	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Trembleya pentagona</i> Naudin	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya phlogiformis</i> DC.	0	0	1	0	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	1	0	0	0
<i>Trembleya purpurascens</i> Fidanza, A.B. Martins & Almeda	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya repanda</i> E. Martins & A. B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya rosmarinoides</i> DC.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya rubrobypantheata</i> K. F. Rodrigues & A.B. Martins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Trembleya tridentata</i> Naudin	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0